

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
DEPARTAMENTO DE ÁREAS ACADÊMICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA BILÍNGUE

SILVIA RODRIGUES VICENTE NEVES

**O PAPEL DA LÍNGUA(GEM) COMO PROMOTORA DO
DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO SURDO: DANDO
ACESSO À INTERAÇÃO COM O MEIO SOCIAL**

Aparecida de Goiânia

2018



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

Identificação da Produção Técnico-Científica

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☐ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☒ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: | |

Nome Completo do Autor: **Sílvia Rodrigues Vicente Neves**

Matrícula: 20151090080220

Título do Trabalho: o papel da língua(gem) como promotora do desenvolvimento do sujeito surdo: dando acesso à interação com meio social.

Restrições de Acesso ao Documento

Documento confidencial: ☒ Não ☐ Sim, justifique: _____

Informe a data que poderá ser disponibilizado no ReDi/IFG: 10/01/2019

O documento está sujeito a registro de patente? ☐ Sim ☒ Não

O documento pode vir a ser publicado como livro? ☐ Sim ☒ Não

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- i. o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- ii. obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- iii. cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 09/01/2019.
Local Data

Sílvia Rodrigues Vicente Neves

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

SILVIA RODRIGUES VICENTE NEVES

**O PAPEL DA LÍNGUA(GEM) COMO PROMOTORA DO
DESENVOLVIMENTO DO SUJEITO SURDO: DANDO ACESSO À
INTERAÇÃO COM MEIO SOCIAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso no formato de monografia, apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás –IFG Campus Aparecida de Goiânia –como requisito para a obtenção do título de licenciado em Pedagogia Bilíngue desenvolvido na linha de pesquisa Educação, Cultura e Sociedade.

Orientação: do Prof. Ms. Thiago Cardoso Aguiar.

Co-orientação: Prof^ª Dra. Alciane Barbosa Macedo Pereira

Aparecida de Goiânia

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

N511

Neves, Sílvia Rodrigues Vicente

O papel da língua(gem) como promotora do desenvolvimento do sujeito surdo: dando acesso à interação com o meio social. / Sílvia Rodrigues Vicente Neves - Aparecida de Goiânia, 2018. - 52 f.

Orientador: Prof. Ms. Thiago Cardoso Aguiar.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia, Licenciatura em Pedagogia Bilingue, 2018.

1. Surdo. 2. Língua(gem). 3. Aquisição/aprendizagem. 4. Desenvolvimento Sociolinguístico e educacional I. Título

CDD 371.912

Catalogação na publicação:
Suzane Gonçalves Duarte – CRB 1/2746

FOLHA DE APROVAÇÃO

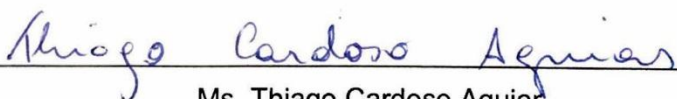
SILVIA RODRIGUES VICENTE NEVES

**O PAPEL DA LÍNGUA(GEM) COMO PROMOTORA DO DESENVOLVIMENTO
DO SUJEITO SURDO: DANDO ACESSO À INTERAÇÃO COM MEIO SOCIAL.**

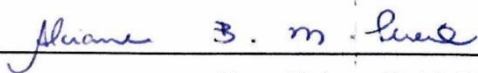
Trabalho de Conclusão de Curso no formato de monografia, apresentado ao Curso de Licenciatura em Pedagogia Bilíngue, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG. Câmpus Aparecida de Goiânia – como requisito para à obtenção do título de licenciado em Pedagogia Bilíngue desenvolvido na linha de pesquisa Educação, Cultura e Sociedade. Sob a orientação do Prof. Ms. Thiago Cardoso Aguiar, e co-orientação Profª Dra. Alciane Barbosa Macedo Pereira.

Aprovado em 04 de DEZEMBRO de 2018.

BANCA EXAMINADORA



Ms. Thiago Cardoso Aguiar
(Presidente - orientador)



Dra. Alciane B. M. Pereira
(Membro Interno)



Ms. Karime Chaibue
(Membro Interno)

Dedico a minha mãe Benedita Paixão Siqueira (*in-memorian*) pela transmissão de valores, seu amor, sua forma despreconceituosa de aceitar as pessoas, de me aceitar e sua perseverança. Eles são as janelas nas quais eu olho quando tudo está incerto e nebuloso

AGRADECIMENTO

A Deus que me ajudou mostrando que *“tudo é possível ao que crê!”* Me fortalecendo para a luta! Ele é a fonte da minha inspiração e meu refúgio.

Meu esposo Francisco, amor da minha vida, gratidão pela paciência, ajuda, transporte, espera, amor incondicional e por estar sempre presente por mim.

Meus filhos Lucas, Gabriel, Esther, Raquel e Ruth, meus assessores, que mesmo roubando do tempo de compartilhamento, me incentivaram a prosseguir, acreditando em mim e me apoiando sacrificialmente para que eu pudesse realizar este sonho!

Meu orientador Thiago pela sua visão de “águia”, firmeza e paciência, por não me permitir mudar de tema, pelos questionamentos que me ajudaram a perceber que meus dilemas são parecidos com milhares de outros Surdos, mostrando que podemos nos ajudar mutuamente. E por sua percepção vendo em mim possibilidades latentes e tendo a sensibilidade de caminhar ao meu lado com passos lentos, mas seguros, possibilitando passadas além do que eu imaginava que conseguiria

E minha co-orientadora, Alciane que com seu jeito alegre e dinâmico tornaram as aulas prazerosas e significativas, indicando caminhos relevantes para que eu pudesse chegar aqui. Não esquecerei suas orientações, seu contato amigo e sua presteza em “ouvir” os Surdos.

Aos intérpretes que são “anjos” doando seus ouvidos, seus corações e se preocupando comigo, muito além de suas funções. Confesso que no início tinha vontade de sair correndo, mas as ajudas de vocês me mantiveram firme e foram imprescindíveis.

A equipe institucional, e professores que passaram por minha vida nestes quatro anos, deixaram de si, marcas de amizade, responsabilidade e exemplo.

Aos surdos participantes, vocês são o colorido deste trabalho. A vontade de explicar com clareza, o abrir dos seus corações me trouxeram lágrimas e sorrisos, me identificando com vocês em suas vivências.

À minha turma e a Creunice minhas companheiras de entendimentos e desentendimentos (linguísticos) conhecer vocês foi providência de Deus. E a todos que direta e indiretamente me ajudaram. MUITO OBRIGADA!

O ser vivo e o meio, considerados separadamente, não são normais, porém é sua relação que os torna normais um para o outro. O meio é normal para uma determinada forma viva na medida em que lhe permite uma tal fecundidade e, correlativamente, uma tal variedade de formas que, na hipótese de ocorrerem modificações do meio, a vida possa encontrar em uma dessas formas a solução para o problema da adaptação que, brutalmente, se vê forçada a resolver. Um ser vivo é normal em um determinado meio na medida em que ele é a solução morfológica e funcional encontrada pela vida para responder a todas as exigências do meio. (CANGUILHEM, 2006, p. 102)

RESUMO

O propósito desta pesquisa foi analisar os papéis das duas línguas: Língua Brasileira de Sinais – (Libras) e Português escrito como promotoras do desenvolvimento do sujeito Surdo, dando acesso à interação com o meio social. Para esta análise optou-se pela realização de pesquisa de cunho bibliográfico e pesquisa empírica. As análises dos dados foram numa abordagem qualitativa. Visou conhecer a importância da aquisição/aprendizagem (L1) Libras que é a língua natural do Surdo e usada para instrução e o Português para leitura e escrita considerada como (L2), ambas importantes para o desenvolvimento sociolinguístico e educacional deste sujeito. Dialogaremos com pesquisadores linguísticos como: Quadros e Karnopp (2008), Quadros e Cruz (2011) Santana e Bergamo (2005); Santana, (2007); que retratam o resultado dessa aquisição/aprendizagem tardia. Mais adiante com Silva (2000); mostrando o valor da língua adquirida precocemente. Com Goldefeld, (1997); a importância do Português para escrita e leitura. E em Quadros, (1997); Capovilla, (2002) abordando os caminhos do bilinguismo. Para sua base teórica social, compactuou-se com a teoria dialética, de Vygotsky, L.S. (1988); (1998); que reconhece o meio social e língua(gem) como essenciais para a constituição e desenvolvimento dos sujeitos. Foram coletadas informações através de entrevistas de dois graduandos e um graduado Surdos de cursos superior diversos, residentes na região metropolitana de Goiânia, tendo como referência o 2º semestre 2018, com apoio de um intérprete e com perguntas padronizadas, interação direta e filmada, usando Libras para sinalizar as perguntas e colher as respostas e o Português escrito para computação e reflexão dos resultados, o perfil dos Surdos com aquisição da Língua de Sinais e em tempo diferentes: precoce, adquirida no seio familiar de forma natural, a tardia, adquirida formalmente por meio da atividade educacional e um Surdo bilíngue, usuário de ambas as línguas. Resultando no entendimento que para o desenvolvimento sociolinguístico e educacional do Surdo é necessário a parceria: ricas relações sociais, língua acessível, metodologia correta e relações recíprocas entre professores e alunos e intérpretes. Esta pesquisa contribui para a área de estudos sociolinguísticos e educacionais dos Surdos, tendo em vista que o papel da Língua(gem) e do meio social são determinantes para o desenvolvimento deste sujeito, para desvencilharmos dos estigmas e estereótipos, permitindo atuarmos como profissionais conscientes e transformadores da realidade atual, e também, e particularmente, para responder indagações no meu viver como Surda.

Palavras chaves: Surdo. Língua(gem). Aquisição/aprendizagem. Desenvolvimento sociolinguístico e educacional.

ABSTRACT

The research seeks to analyze the roles of the two languages: Brazilian Language of Signals - Libras and Portuguese writing as promoters of the development of the Deaf subject, giving access to the interaction with the social field. Was opted for this analysis the accomplishment of bibliographic and empirical research. The data analysis is from a qualitative approach. Seeking to identify the importance of the acquisition/learning of L1 Libras, which is the natural language of the Deaf and used for education and the Portuguese language used for reading and writing considered as L2, both important for the sociolinguistic development of this subject. We will dialogue with linguistic researchers as Quadros and Karnopp (2008), Quadros and Cruz (2011) Santana and Bergamo (2005); Santana, (2007); which portray the result of this late acquisition / learning. Further along with Silva (2000); showing the value of the language acquired early. With Goldefeld, (1997); the importance of Portuguese for writing and reading. And in Quadros, (1997); Capovilla, (2002) addressing the paths of bilingualism. For its social theoretical basis, it was compacted with the dialectical theory, of Vygotsky, L.S. (1988); (1998); Data were collected through interviews of two undergraduates and one graduate Deaf of several higher education courses, residents of the metropolitan region of Goiânia, with reference to the second semester of 2018. The interviewees agreed to contribute to the research and signed the TCLE - Term of Consent Free and Informed, being aware of the purpose of this work and freely prepared to answer the questions. The answers were analyzed seeking to know their experiences and to compare them in the light of the theoretical base studied here, seeking answers to the questions raised the participants are deaf persons with the acquisition of the Sign Language in different periods: early acquisition, naturally acquired in the family environment, and late acquisition, formally acquired in the educational and a deaf bilingual user of both languages. Resulting in the understanding that for the socio-linguistic and educational development of the Deaf it is necessary the partnership: rich social relations, accessible language, correct methodology and reciprocal relations between teachers and students and interpreters. This research contributes to the area of sociolinguistic and educational studies of the Deaf, since the role of the language (gem) and the social environment are determinant for the development of this subject, to break away from the stigmas and stereotypes, allowing us to act as conscious professionals and transformers of current reality, and also, and particularly, to answer questions in my living as Deaf.

Keywords: Deaf; language; acquisition/learning; development; sociolinguistics

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A FORMAÇÃO DISCURSIVA HISTÓRICO-CULTURAL DA SURDEZ	14
1.1 Conceituação e diferenciação língua e linguagem	14
1.2 Contexto Histórico: Formação do sujeito social	15
1.3 Abordagens sociolinguísticas	16
1.4 Formação identitária	19
2 AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM DA LINGUA(GEM)	21
2.1 Contextos sociolinguísticos	22
2.2 Aquisição/aprendizagem Língua de Sinais	24
2.3 Aquisições/aprendizagens do Português (escrito e para leitura)	26
3 REFLEXÕES DOS DADOS OBTIDOS NA PESQUISA	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	45
APÊNDICE	48

INTRODUÇÃO

A multiplicidade dos papéis exercidos na pós-modernidade, amplia as relações sociais comunicativas e expressivas, e traz consigo a necessidade de reflexão sobre a importância da aquisição/aprendizagem da língua(gem) para o desenvolvimento do objeto de nosso estudo o sujeito Surdo¹ em suas interações sociolinguísticas.

A língua(gem) é um dos aspectos importantíssimos na constituição e nas relações sociais do ser humano e mais especificamente do Surdo porque este sujeito necessita de um canal sensorial alternativo, para compreender e ser compreendido pelo outro.

Diante de tais pressupostos, esta pesquisa de cunho bibliográfico e empírico, analisou os papéis das duas línguas: Libras e Português escrito como promotoras do desenvolvimento do Surdo, dando acesso à interação com o meio social, investigando as potencialidades e dificuldades comunicativas e expressivas na vida deste sujeito. Oportunizando uma análise para verificação da importância da aquisição/aprendizagem da L1 Libras e L2 Português para seu desenvolvimento sociolinguístico.

Na metodologia optamos pela abordagem qualitativa. De acordo com Minayo (2000) quando o objeto é multifacetado, tal metodologia permite colocar vários questionamentos para análise e por ser flexível, e é muito usada nos estudos sociais.

Na coleta de dados a opção pela entrevista estruturada e padronizada se mostrou oportuna, porque segundo Cervo & Bervian (2002), é uma das principais técnicas de coletas de dados para estudos sociais, sendo justificada por permitir na pesquisa qualitativa, preocupar menos com o aspecto geral e mais com o aprofundamento e a abrangência da compreensão.

Os participantes da entrevista serão identificados respectivamente como graduandos e graduado G-1, G-2 e G-3 para serem preservados as suas identidades, lembrando que seus perfis de aquisição/aprendizagem da Línguas de Sinais são: tardia, precoce e bilíngue (que se autodenomina usuário da Libras e do Português escrito.)

Foram selecionados dois graduandos e um graduado Surdos de cursos superior diversos, residentes na região metropolitana de Goiânia para responder às perguntas. Tendo como referência o 2º semestre 2018, os perfis dos entrevistados serão surdos com aquisição da Língua

¹ Moura (2000) utiliza o termo “Surdo”, com letra maiúscula, diferenciando-o dos termos “deficiente auditivo” e “surdo”. Para a autora, o termo “Surdo” refere-se ao indivíduo que, tendo uma perda auditiva, não é caracterizado pela sua deficiência, mas pela sua condição de pertencer a um grupo minoritário, com direito a uma cultura própria e a ser respeitado na sua diferença. A utilização de “surdo” refere-se à condição audiológica de não ouvir.

de Sinais em tempo diferentes: precoce, adquirida no seio familiar de forma natural; e a tardia, adquirida formalmente por meio da atividade educacional, e um Surdo bilíngue com aquisição da Libras que pode ser tanto tardia ou precoce, mas que seja impreterivelmente usuário de ambas as Línguas, tendo a (L 1) a Libras e a (L 2) o português escrito.

No decorrer da investigação, as respostas foram discutidas e dialogadas e analisadas, ampliando nossa visão e nos levando a outros caminhos e outras descobertas e até mesmo efetuando mudanças profundas na maneira como enxergávamos o desenvolvimento sociolinguístico do sujeito Surdo.

Esta reflexão é muito importante, porque da qualidade das relações comunicativas e expressivas do Surdo, na família, na escola e na sociedade, é que eles adquirirão as bases para o seu desenvolvimento sociolinguísticos e intrapessoal, e deste para a constituição da identidade e interação com o meio social e um ensino-aprendizagem mais eficaz.

A estruturação da escrita foi desenvolvida em três capítulos. No primeiro capítulo o enfoque foi a formação discursiva histórico-cultural da surdez, buscando resgatar o sujeito sociolinguístico no perpassar da História. No segundo capítulo, a importância da aquisição/aprendizagem e a relevância da Libras como primeira língua do Surdo – (L1) e a língua Portuguesa como segunda língua - (L2), para sujeito enquanto Surdo e integrante da sociedade, abrangendo a identificação das potencialidades e dificuldades de ambas as línguas: Libras e Português escrito como promotoras do desenvolvimento deste sujeito. E no terceiro capítulo, a análise dos dados obtidos através da coleta de informações das três entrevistas, feito por meio da pesquisa qualitativa, discutindo sua validade e contribuições.

Antes de adentrar nos estudos linguísticos nos debruçarmos sobre a historicidade para compreensão da formação deste sujeito, marcando espaço e época, avanços e retrocessos na construção deste pano de fundo histórico do desenvolvimento do Surdo.

Na legitimidade, busco respaldo no direito linguístico dos Surdos que foi sancionado no Brasil por meio da Lei nº 10.436/2002 (BRASIL, 2002) que reconhece a Língua Brasileira de Sinais/ Libras, como a Língua das comunidades surdas brasileiras, e garantem sua inclusão nos cursos de níveis médio e superior. Com direitos garantidos, faz-se necessário então, reconhecer o Surdo em todas as suas dificuldades e potencialidades.

Na base linguística, dialogamos com pesquisadores como Quadros (1997, 2004, 2008), Quadros e Cruz (2011), Santana e Bergamo (2005), Santana (2007) e Silva (2005) que retratam o resultado dessa aquisição/aprendizagem tardia e precoce. Com Goldefeld (1997), Albres

(2012) enfatizando a importância do Português para escrita e leitura. E em Quadros (1997), Capovilla (2002) abordando os caminhos do bilinguismo.

Para análise sociolinguística compactuo com a teoria dialética cultural de Vygotsky, L.S. (1988, 1998) e Oliveira (1992) que reconhece o meio social e língua(gem) como essenciais para a constituição e desenvolvimento dos sujeitos, é por meio dela que a criança amplia suas relações com o outro e com o mundo, o que lhe possibilita o desenvolvimento das funções mentais superiores, por estes serem processos mediados, em essência, por signos linguísticos.

Como afirmara Vygostky, (1998) a aprendizagem acontece através da interação social. Uma das maiores contribuições deste autor é a ideia de que a aprendizagem impulsiona o desenvolvimento. De acordo com Goldfield (1997, p. 70) “A aprendizagem e o desenvolvimento, estão inter-relacionados desde os primeiros dias de vida da criança.” Assim a aprendizagem está sempre um pouco à frente, abrindo caminhos para o desenvolvimento.

Esse desenvolvimento está intrinsicamente relacionado com o ensino- aprendizagem, ou seja, o caminho percorrido pelo indivíduo para adquirir informações, habilidades, atitudes e valores partindo do seu contato com a realidade, o meio ambiente e as outras pessoas. Neste contexto, a aprendizagem tem um significado que sempre envolve interação social, relacionando-se com a aquisição da linguagem e a cognição.

Oferecendo caminhos para a reinterpretação e reinvenção do mundo cultural e da experiência para além das meras imitações, ao socializar-se, os sujeitos vão adquirindo valores, regras e normas sociais, para um viver em comunidade, e a perceber as razões do comportamento das pessoas. E no plano subjetivo, permite o pensamento, a formação e o reconhecimento de conceitos, a deliberada resolução de problemas, a atuação refletida e a aprendizagem consciente.

Nesta pesquisa, procuro refletir sobre as possibilidades e entraves da língua(gem) na vida do Surdo, equacionando com a minha vida futura, como pedagoga bilíngue, e também, por já estarem cessando os sons aos meus ouvidos. O mundo do meu silêncio é peculiar, é uma deficiência invisível, que só aparece quando preciso ouvir o outro, (eu oralizo, perdi a audição aos poucos). Muitas vezes a mascarava, por insegurança, por não querer incomodar, mas com o curso bilíngue, aprendi que tenho o direito de participar, de aprender, de me posicionar de ser feliz, e quero transmitir isto aos outros Surdos que também tem seus dilemas a vencer.

Do decorrer curso de Pedagogia Bilíngue muitas vivências como: metodologias que contemplam mais os ouvintes, conteúdos ministrados em sala de aula, a relação professores e alunos, interação com os colegas, leituras e produções textuais, orientações e avaliações para

atividades acadêmicas e observações das relações sociais nos corredores do Instituto Federal de Educação Ciências e Tecnologia de Goiás, (IFG), câmpus Aparecida de Goiânia, trouxeram pensamentos inquietantes à minha mente, os quais deram origem a esta pesquisa: A Libras e o Português escrito possibilitam ao Surdo interagir com o meio social, de se constituir como sujeito de língua(gem)? Então dividi meu questionamento em partes menores no afã de compreender a complexidade sociolinguística e educacional do Surdo:

- i. As relações comunicativas e expressivas do Surdo na família, na escola e na sociedade, são satisfatórias para o seu desenvolvimento?
- ii. Quais enfrentamentos o Surdo lida no processo de aquisição de língua(gem)?
- iii. Quais prejuízos podem ocorrer se houver um déficit nesse processo?
- iv. Às crianças Surdas, são ofertadas as oportunidades de aquisição/aprendizagem da língua semelhantes às propiciadas às crianças ouvintes?
- v. O Português da maioria dos Surdos lhe dá autonomia para ler e compreender o mundo e exercer a cidadania?
- vi. A surdez é um elemento de segregação e exclusão?
- vii. Será que ele se sente só, em meio à multidão, devido às dificuldades da sociedade em comunicar-se com ele em Libras?
- viii. Como o sujeito Surdo aprende?
- ix. Como tornar o ensino efetivo?

Esta pesquisa contribui para as áreas de estudos sociolinguísticos e educacionais dos Surdos, tendo em vista que o papel da língua(gem) e do meio social são determinantes para o desenvolvimento deste sujeito, e articulando estes com os saberes importantes para áreas de ensino, saúde, e família, que possibilitarão novos olhares para o sujeito Surdo, sua forma de ser e aprender.

Para atuarmos como profissionais conscientes e transformadores da realidade atual, precisamos desprendermos dos estigmas, os estereótipos e contemplar a alteridade. É necessário “ouvir” o que o Surdo tem a dizer. Acredito que esta pesquisa contribui para nos desvencilhar dos preconceitos, e enxergar o Surdo em sua potencialidade, resultando em um ensino dinâmico e contextualizado para a sala de aula alcançando os Surdos em suas vivências.

Para isto, precisamos conhecer a formação discursiva e histórica deste sujeito social, marcando o tempo, espaço e fenômenos sociais e educacionais que formam o pano de fundo da construção do desenvolvimento do povo Surdo e da formação identitária.

1 A FORMAÇÃO DISCURSIVA HISTÓRICO-CULTURAL DA SURDEZ

O sujeito Surdo é visto como no perpassar da história por vários ângulos discursivos. Nos quais moldaram e foram moldados pelas ações ora repressiva, ora libertadoras. E o marco principal é a língua(gem), que foi delineando as ações sociolinguísticas e educacionais do sujeito em foco.

1.1 Conceituação e diferenciação língua e linguagem

Nesse processo de construção social e histórica do homem, a língua(gem) possui dupla importância: construção da subjetividade e a intermediação da relação entre os homens. Segundo Oliveira, (1992, p. 27) "a linguagem simplifica e generaliza a experiência, ordenando os fatos do mundo real em conceitos cujo significado é compartilhado pelos homens que, enquanto coletividade, utilizam a mesma língua".

Mas afinal, o que é língua? E linguagem? Não são conceitos fáceis de responder, muito menos há uma resposta pronta.

A autora Viotti, (2007) oportunamente reflete que:

A interface da linguística e a biologia vai preferir definir a língua como parte da dotação genética da espécie humana; a interface da linguística com a sociologia, vai dar mais ênfase aos aspectos socioculturais da língua; a interface da linguística com a psicologia vai definir a língua como parte da cognição humana. [...] dentro de cada uma dessas interfaces, desenvolvem-se várias teorias diferentes, [...] que estejam mais de acordo com suas hipóteses. [...] . As teorias são como as lentes de um telescópio. As lentes de um telescópio nos ajudam a ver estrelas e planetas que não conseguimos ver a olho nu. Assim as lentes das teorias nos ajudam a perceber peculiaridades da língua, que passam despercebidas quando estamos fazendo uso dela em nosso dia-a-dia. (VIOTTI, 2007, p. 2)

Quanto ao conceito de língua, a Revista Virtual de Estudos da Linguagem – (ReVEL, 2010) numa entrevista com o linguista Perini traz a seguinte afirmação:

[...] a língua é uma das maneiras como se manifesta exteriormente a capacidade humana a que chamamos linguagem, é um sistema programado em nosso cérebro que estabelece uma relação entre os esquemas mentais que formam nossa compreensão do mundo e um código que os representa de maneira perceptível aos sentidos. (PERINI, 2010).

Segundo o mesmo autor, Perini (2010), em sua resposta quanto à linguagem na mesma entrevista afirma que: “[...] a linguagem é um conceito muito amplo, incluindo as línguas entre as suas manifestações, [...]” isto é, as línguas são uma das múltiplas facetas da linguagem. (Sinais de trânsito, corporal, artísticas, por exemplo), concluindo ele ressalta mais adiante na entrevista avaliando que “[...] é possível pensar sem utilizar a linguagem, mas não é possível se comunicar sem utilizar (algum tipo de) linguagem. ”

Diante dessas constatações atualmente o meio científico pondera em uma posição moderada, evitando extremos como as teorias inatistas ou comportamentalistas. Há um diálogo quase unânime que na aquisição de linguagem, há três fatores de extrema importância segundo Bernieri (2010):

Fatores inatos: estrutura inicial geneticamente determinada; **Fatores maturacionais:** processos de ordem psico-fisiológicos que serão desenvolvidos em diferentes estágios; **Fatores ambientais** ou epigenéticos: o meio exterior no qual a criança é inserida e exposta aos inputs (dados externos) partilhados socialmente. (BERNIERI, 2010, p. 63) (grifo nosso).

Nas escolas de línguas da atualidade, o contexto de imersão, a situação de uso, regularidade e tempo de uso, propósitos comunicativos e afetivos são contemplados em suas metodologias.

O pressuposto que a audição seja o canal importante na aquisição da língua(gem) é muito discutido, mas vale ressaltar que não é o único. A linguagem pode ser percebida pelos diversos órgãos do sentido e por isso é preciso distinguirmos as modalidades da linguagem oral e da linguagem visual, ou seja, pela modalidade: oral-auditiva e viso-espacial.

1.2 Contexto Histórico: Formação do sujeito social

Na história do Surdo podemos citar alguns fatores fazendo diferença, como exemplo o resultado do Congresso de Milão, ocorrido em 1880, foi um momento de retrocesso na História dos Surdos, neste encontro um grupo simpatizantes do ouvintismo, tomou a decisão de excluir a língua gestual da educação dos Surdos, substituindo-a pelo oralismo (o comitê do congresso era constituído pela maioria de ouvintes) a optando pelo oralismo para a ensino dos Surdos durante fins do século XIX e grande parte do século XX. Resultando na proibição de usar Línguas de Sinais na educação de Surdos, e ao extremismo de amarrar as mãos dos Surdos, para evitar tal ação. Mas havia aqueles, não tão submissos que continuaram na surdina a usá-

la, felizmente fora preservada do esquecimento. Mas com resultados devastadores na qualidade da educação dos Surdos, houve um decréscimo de crianças Surdas matriculadas nas escolas, e aquelas que persistiam, saíam das escolas com qualificações inferiores e habilidades sociais limitadas.

Na trajetória do sujeito Surdo, estes discursos estão nítidos em seu processo histórico e na constituição da identidade: no discurso da antiguidade, o Surdo era visto como inútil pela sociedade e condenados á morte; na idade Média, considerado retardado mental, mas tido como criatura de Deus, no entanto, sem direito à educação; na Modernidade a “fala” (oralização) era um dos principais requisitos para se casar, ter propriedades e ser reconhecido como cidadão de direito, surgindo muitas tentativas para educá-los no oralismo; No século XIX houve recuos e avanços, deu-se ênfase ao ensino da Língua de Sinais pela Comunidade Surda, enquanto a comunidade científica e a sociedade ouvinte defendiam o “oralismo”. Ou como denomina o pesquisador Skliar:

Discursos ouvintistas: são as representações dos ouvintes sobre a surdez e sobre os surdos – e o oralismo – a forma institucionalizada do ouvintismo – continuam sendo, ainda hoje, discursos hegemônicos em diferentes partes do mundo. (SKLIAR, 1998 p. 15)

Neste embate, no Congresso de Milão ocorrido em 1880, o discurso do oralismo e da visão patológica prevaleceu e houve um retrocesso de mais de cem anos no desenvolvimento deste sujeito, defendendo-se a crença de que era possível normatizá-lo. A medicalização sobrepôs sobre os aspectos linguísticos, culturais e identitários deste sujeito.

1.3 Abordagens sociolinguísticas

No olhar de Goldfeld, (2002, p. 34) “o discurso oralista percebe a surdez como uma deficiência que deve ser minimizada pela estimulação auditiva”. Lê-se treinamento auditivo, desenvolvimento da fala e a leitura labial, ou seja, o objetivo do oralismo é que o Surdo se aproxime ao máximo da forma de ser de um ouvinte e assim ser integrada no mundo da maioria linguística.

Na década de 1960, o estudinense Willian Stokoe, da Universidade de Gallaudet, linguista e pesquisador científico, apresentou um estudo ressaltando que as Línguas de Sinais são línguas naturais por apresentar os requisitos necessários para validar a legitimidade gramatical de língua, ainda pondera que ela apresenta em sua estrutura: sistemas abstratos,

regras gramaticais e complexidades linguísticas, como também expressões metafóricas e empréstimos linguísticos.

Esse saber científico propiciou novo olhar educacional e social sobre este sujeito, cuja comunicação era visual, mostrando que os sinais são regidos por regras instituídas socialmente, como advoga (KLIMA; BELLUGI, 1979 *Apud* QUADROS; CRUZ 2011). Assim, não consistem numa gestualidade "natural" e se matizam em diferentes línguas. Como qualquer língua, sua aprendizagem se dá pelo contato com a comunidade de usuários e da dinâmica de relações sociais vivenciadas.

De acordo com Quadros (1997), a língua é a força motora, que atende às necessidades primárias e específicas dos seres humanos de usarem um sistema linguístico para se comunicarem e expressarem ideias, sentimentos e ações. Dessa forma, a Língua de Sinais cumpre este papel para os Surdos, seu uso ajuda na comunicação e ela é parte mediadora entre eles e meio social, uma vez que os Surdos apresentam dificuldades na aquisição da Língua Oral.

Em um paralelo entre a Língua de Sinais e a Língua Oral, na mesma obra, Quadros (1997) ressalta que a primeira, se apresenta tão complexa e expressiva quanto a segunda. A Língua de Sinais como todas as outras, estabelece características próprias, de acordo com a nacionalidade e até variações linguísticas regionais. Ela compreende uma organização material de constituintes, fechada e convencional, correspondentes às possibilidades do canal visual-manual-gestual. Como afirma Sacks (1998), as Línguas de Sinais apresentam sintaxe, gramática e semântica completas, mas possuem caráter diferente daquele das línguas escritas e faladas.

Em consonância com o linguista e pesquisador Capovilla (2002), a abordagem da Comunicação Total, surgiu da ineficiência do oralismo, por volta de 1968, combinando a Língua de Sinais, gestos, mímicas, leitura labial, aparelhos amplificação sonora, imagens, desenhos, entre outros recursos que colaborasse com o desenvolvimento da língua oral, assim, utilizava todas as formas de comunicação possíveis na educação dos Surdos, acreditando-se que a comunicação, e não apenas a língua, deve ser privilegiada.

Na contemporaneidade, o Brasil ampliou o direito dos Surdos, estes através de muitas lutas conseguiram a aprovação da Lei que elevava o estatuto da Libras como língua, que passou a vigorar em 2002, com a Lei 10.436 (BRASIL, 2002), reconhecendo a Língua de Sinais Brasileira como sendo o meio de comunicação e expressão da Comunidade de Surdos do Brasil.

Posteriormente, o Decreto 5.626 (BRASIL, 2005) que regulamenta sua aplicação e institui a criação de novos cursos superiores e de pós-graduação para dar conta da formação destes novos educadores; nova reestruturação das escolas, adaptando-as às necessidades do

alunado; criação em universidades de grupos de estudos específicos da área, como no exemplo os “Estudos Culturais”,² lançando luzes para os “Estudos Surdos”.³

Sendo que o ponto central dos Estudos Culturais é apresentar a cultura como um campo político como esclarece Costa:

[...] importância de se analisar o conjunto da produção cultural de uma sociedade – seus diferentes textos e suas práticas – para entender os padrões de comportamento e a constelação de ideais compartilhadas por homens e mulheres que nela vivem. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER. 2003 p. 38).

Surgindo a partir daí muitas pesquisas que mostram a importância de entendermos o papel que a língua exerce sobre o desenvolvimento sociolinguístico e educacional do Surdo, dentre elas, destacamos a pesquisa de Santana e Bergamo (2005). Tais autores concluíram que se a Língua de Sinais tem o estatuto de língua, isto traz não somente consequências linguísticas e cognitivas, mas também reflexos sociais.

Os mesmos autores, Santana e Bergamo (2005) advogam que a sociedade confere que ser “normal” implica ter língua, e se a anormalidade é a ausência de língua e de tudo o que ela representa (comunicação, pensamento, aprendizagem), a partir do momento em que se considera a língua de sinais como língua do Surdo, o status do que é normal também muda. Ou seja, concluindo o pensamento, os autores são categóricos em afirmar que a Língua de Sinais oferece uma possibilidade do Surdo se constituir como “sujeito de linguagem”. Ela é o canal que media, que transforma a “anormalidade” e a diferença, em “normalidade.”

Neste embate de lutas para o reconhecimento de Libras como língua, e o direito do Surdo em ser ensinado em sua própria língua, fez surgir a abordagem Bilíngue, que considera a Língua de Sinais como (L1) para instrução e o Português para leitura e escrita (L2). Mas seria suficiente para a aprendizagem o oferecimento de duas línguas intermediadas muitas vezes pela presença de intérpretes em sala de aula? Como seria a relação sociolinguística entre o professor e aluno em uma sala inclusiva?

O esclarecimento de Capovilla (2002) é bem oportuno para este debate, segundo ele os objetivos do bilinguismo na educação são promissores, reconhecendo que a mudança da comunicação total para o bilinguismo é forte e importante, porém, ressalta que ainda há um

² Os Estudos Culturais é uma forma de abordagem do campo pedagógico, em que questões como cultura, identidade, discurso e representação, passam a ocupar, de forma articulada, o primeiro plano da cena pedagógica. (COSTA; SILVEIRA; SOMMER, 2003 p.38).

³ Os Estudos Surdos caracterizam-se como um programa de pesquisa em Educação, em que as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizadas e entendidas a partir da diferença, a partir do seu reconhecimento político (SKLIAR, 1998).

caminho longo a ser percorrido, ainda não é efetivado como o ideal, carecendo de percepções e concretizações de uma pedagogia Surda com prioridade na modalidade visual espacial e não somente o encontro de duas línguas, além de profissionais educacionais habilitados nas duas línguas.

Na percepção de Goldfeld (1997, p. 38), Bilinguismo caracteriza-se:

[...] como pressuposto básico que o surdo deve ser bilíngue, ou seja, deve adquirir como língua materna a língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país(...) os autores ligados ao Bilinguismo percebem o surdo de forma bastante diferente dos autores oralistas e da Comunicação Total. Para os bilinguistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir sua surdez.

Sánchez (apud QUADROS, 1997) também traz uma importante reflexão que é oportuna para conclusão do assunto:

Mas que não se percam os esforços. A inauguração de uma nova etapa histórica não significa que todos os problemas estejam resolvidos. Em seguida se verá a realidade e funcionamento do modelo bilíngue, se apreciarão seus alcances e suas limitações, e novos conhecimentos sustentarão os atuais, mostrando suas insuficiências e seus erros. O modelo bilíngue tende a ser aperfeiçoado e, eventualmente, superado. Mas neste processo que se inicia temos os surdos como protagonistas e poderemos dialogar com eles num plano de igualdade, unidos por vínculos solidários na construção de um futuro melhor para todos. A prepotência, a segregação e o desprezo serão coisa do passado, e “não terão uma segunda oportunidade sobre a terra”. (SÁNCHEZ, 1990, p. 173 apud QUADROS, 1997, p. 41)

É pelas raízes da história que surgem revelações trazendo à luz as discussões de como este ser foi sendo constituído. O que pensam e falam sobre este sujeito Surdo, influenciando direta ou indiretamente o seu desenvolvimento e a constituição de sua subjetividade. Ou seja, ao atravessar as diversas formações discursivas das mais variadas instâncias sociais e temporalidade, que ele (o Surdo) revela sua subjetividade e por ela é revelado.

1.4 Formação identitária

Neste perpassar histórico, a constituição identitária do surdo é marcada nitidamente segundo Mascia (2014, p. 313) “no entremeio de dois mundos: de ouvintes e de Surdos” e a partir das várias formações discursivas às quais os Surdos são expostos, modelando diferentes tipos de identidades surdas que se divergem, mas também se convergem uma a outra, constituindo esse sujeito de “entremeio”. Que vive em uma sociedade de som, mas seu mundo caracteriza-se pelo silêncio.

Dentre elas, podemos destacar algumas identidades de “entremeios” que segundo Perlin (1998) se origina da identidade política e cultural e dela servindo de ponto de partida e de paradigma para identificação imbricadas em outras: a híbrida, flutuantes, embaçada, de transição, diáspora e intermediárias, confirmando que são passíveis de serem reinventadas, porque o homem está em constante transformações e desenvolvimento.

O pesquisador Skliar (1999, p.131) afirma que “ser surdo não se reconhece a existência de uma identidade surda única e essencial a ser revelada a partir de alguns traços comuns e universais.” As representações sobre identidades mudam, são atemporais e se identificam com diferentes grupos culturais, no espaço geográfico, nos momentos históricos, nos sujeitos.

Por isso, é necessário ver a comunidade surda em sua multiplicidade, ou seja, encontramos surdos de poder aquisitivo diversos, raças diferentes, grau de escolaridade variados, origens e gêneros em suas pluralidades.

Em concordância, Perlin afirma que:

Nesta complexidade pode se constatar a multiplicidade: Surdos filhos de pais Surdos; Surdos que não tem nenhum contato com Surdo, Surdos que nasceram na cidade ou na zona rural, ou que tiveram contato com Língua de Sinais desde a infância, ou ainda, que aprenderam Libras na idade adulta, dentre outros. Os Surdos não podem ser um grupo de identidade homogênea. (PERLIN, 2013, p. 66).

Entretanto, algumas características imprimem a identidade e a diferença: o marco inicial é a surdez, isto é, se a pessoa tem audição já não pode ser surda. Para imprimir a sua singularidade o Surdo se identifica com o uso da Língua de Sinais a necessidade de intérpretes, a experiência visual e os artefatos culturais.

Nesta mesma perspectiva, Santana e Bergamo (2005, p. 570) afirmam “que é nessa relação, no tempo e no espaço, com diferentes outros que o sujeito se constrói e é construído”. E, com isso, nas práticas discursivas que o sujeito emerge e é revelado, ou seja, é principalmente no uso da linguagem, que as pessoas se desenvolvem constroem e projetam suas identidades. Citando Maher (2001, p. 135) para corroborar tal afirmativa, “A construção da identidade não é do domínio exclusivo de língua alguma, embora ela seja, sempre, da ordem do discurso” assim, ela é, interativa e social.

Ainda nesta mesma linha de raciocínio, Santana e Bergamo (2005, p. 570), afirmam que a “identidade não pode ser vista como inerente às pessoas, mas sim como resultado de práticas discursivas e sociais em circunstâncias sócio-históricas particulares” e não está necessariamente relacionada à Língua de Sinais, mas sim, “à presença de uma língua que lhes

dê a possibilidade de constituir-se no mundo como “falante”, ou seja, à constituição de sua própria subjetividade pela linguagem e às implicações dessa “constituição” nas suas relações sociais.”

Santana e Bergamo (2005, p.568) indagam se a “identidade está relacionada a práticas sociais de uma complexidade muito maior, por que a língua, e apenas ela, é tomada como o instrumento por excelência de sua constituição e definição?” Os autores sustentam a tese de que a língua é um passaporte de entrada para um mundo de ricas interações sociais, mas reforçam que não é o único.

Por outro lado, Sá (1999) partindo de uma concepção socioantropológica da surdez, afirma que não se está defendendo que o Surdo faz parte de uma “raça” distinta da sociedade ou de sua família ouvinte:

(...) nem estamos pretendendo incentivar a criação de grupos à parte, de minorias alheias à sociedade majoritária. Pretendemos, sim, que sejam reconhecidas as variadas “especificidades culturais”, manifestadas na língua, nos hábitos, nos modos de socialização e de funcionamento cognitivo que dão origem a uma cultura diferente (...). O objetivo de considerar, no estudo da problemática do Surdo, a questão cultural não é o de incentivar a criação de grupos minoritários à margem da sociedade, mas justamente o contrário, ou seja, o de **considerar a diferenciação linguísticas como necessária para possibilitar o desenvolvimento normal da cognição, da subjetividade, da expressividade e da cidadania da pessoa Surda.** (SÁ, 1999, p. 157, 158) (grifo nosso).

A autora Sá (1999) é enfática, mostrando que a surdez é uma diferença, isto significa, modos diferentes de aprender, interagir e comunicar, mas nem por isto, deva ser vista como elemento de segregação, ou exclusão.

2 AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM DA LÍNGUA(GEM)

Neste capítulo abordaremos a inserção ao meio social, a acessibilidade a Libras como (L 1) e o Português escrito (L 2) como essenciais para romper com as barreiras do silêncio e da solidão, como clama a autora Labourit:

Quero entender o que dizem. Estou enjoada de ser prisioneira desse silêncio que eles não procuram romper. Esforço-me o tempo todo, eles não muito. Os ouvintes não se esforçam. Queria que se esforçassem” (LABOURIT, 1994, p. 39)

2.1 Contextos sociolinguístico

A ausência de um desenvolvimento linguísticos satisfatório, torna-se difícil o processo comunicativo e expressivo. Para Vygotsky (1998) a língua(gem) tem uma função interpessoal e intrapessoal, segundo o autor a função interpessoal, é aquela que permite a comunicação, e aspecto importante na interação; na função intrapessoal, seu papel é subjetivo, tais como: o pensamento, a reflexão, a formação e reconhecimento dos conceitos, e de problemas no processo da aprendizagem.

Priorizamos a visão antropológica, colocando o sujeito Surdo no discurso da diferença. Para Pardo (1996) respeitar a diferença não pode significar:

[...] deixar que o outro seja como eu sou” ou “deixar que o outro seja diferente de mim tal como eu sou diferente (do outro)”, mas deixar que o outro seja como eu não sou, deixar que ele seja esse outro que não pode ser eu, que eu não posso ser, que não pode ser um (outro) eu; significa deixar que o outro seja diferente, deixar ser uma diferença que não seja, em absoluto, diferença entre duas identidades, mas diferença da identidade, deixar ser uma outridade que não é outra “relativamente a mim” ou “relativamente ao mesmo”, mas que é absolutamente diferente, sem relação alguma com a identidade ou com a mesmidade. (PARDO 1996 apud SILVA, 2000, p. 101).

Se a Língua de Sinais não é a única formadora do desenvolvimento e da identidade dos Surdos, pode-se afirmar que ela é a língua própria dos Surdos. Na definição Saussure (1975): a língua não depende do indivíduo e é a parte social da linguagem, é um contrato firmado entre as pessoas da comunidade. Ela surgiu a partir da necessidade de comunicação e expressão destes sujeitos.

A autora Quadros (1997) também defende a importância da língua e ressalta que o *input* precoce, o encontro das pessoas Surdas com seus pares, possibilita a aquisição/aprendizagem da Libras pela criança Surda propiciando a construção de aprendizagem e desenvolvimento.

A defesa da importância da língua, mais que significar uma autossuficiência e o direito de pertencimento a um mundo particular, significa a distinção da humanidade, distinguindo o que faz um homem ser considerado diferente dos animais: a língua.

Em seus estudos sociolinguísticos a autora McCleary (2009) exemplifica vários relatos históricos de crianças privadas de contatos com outros, as quais foram chamadas de "selvagens" evidenciando a importância da língua, e os efeitos devastadores de tais privações. As crianças exemplificadas foram encontradas vivendo na natureza, sem família, às vezes na companhia de animais. Citando alguns casos estudados: Peter, o selvagem encontrado em 1724, Victor em 1799, Kaspar Hauser em 1828, e Kamala and Amala em 1920. Os casos citados evidenciam que mesmo em um contato posterior com seus semelhantes, não foram desenvolvidos plenamente sua capacidade cognitiva, linguística e afetiva.

Observando a importância do contato social para o desenvolvimento linguístico McCleary (2009) ressalta que é quase impossível para o sujeito que não teve uma interação linguística na mediação com outros seres humanos no período crítico de aquisição da língua tornar-se fluente em alguma língua e desenvolver-se de forma harmoniosa.

Isto vem de encontro do que Vygotsky (1988, p. 70) afirmou sobre a ideia de que as funções psicológicas superiores (língua, linguagem, memória) são construídas ao longo da história social do homem em sua relação com o mundo. Assim, “as funções psicológicas superiores referem-se a processos voluntários, ações conscientes, mecanismos intencionais e dependem de processos de aprendizagem e interação do homem com o meio.”

Para Silva o valor da Língua de Sinais refere-se:

(...) a língua é uma importante característica definitiva. Diferente da cegueira ou da incapacitação ligadas ao movimento, por exemplo, a surdez é invisível. Ela só se torna visível quando a pessoa surda se envolve em alguma ação comunicativa. O grupo de pessoas surdas define-se como uma população cuja capacidade distintiva consiste no uso necessário de um sistema linguístico que não exige comunicação auditiva/oral. (SILVA, 1997, p.10)

Esta constatação não é recente, Capovilla (2002) cita em seu artigo que no meado do século XVII, Kruse no ano de 1853 em seu diário, já defendia a importância da Língua de Sinais para o desenvolvimento social, emocional e intelectual da pessoa Surda:

A língua de sinais é o verdadeiro equipamento da vida mental do surdo; ele pensa e se comunica apenas por este meio, e ele recebe por este mesmo meio os conceitos e as ideias (...). Ela (...) precede qualquer outra linguagem e, abrindo caminho para o

pensamento, permite ao surdo apreender a palavra e a própria ideia de linguagem. A língua de sinais é um meio indispensável de comunicação entre o professor e o aluno, e é de enorme valia em sala de aula para a explicação de conceitos e palavras. Ela não apenas abre caminho para o ensino inicial, como também oferece um apoio contínuo para o processo de orientação e explicação. (KRUSE, 1853 *apud* CAPOVILLA, 2008 p. 1479)

Capovilla (2002) enfatiza ainda que o surgimento de várias pesquisas que aprofundaram a compreensão da complexidade linguística das Línguas de Sinais (BELLUGI, 1983; BELLUGI, KLIMA, POIZNER, 1988; BELLUGI, POIZNER, KLIMA, 1983 *apud* CAPOVILLA, 2002), constataram que a própria Língua de Sinais, (L 1) da Comunidade Surda, poderia ser o meio mais eficaz para a educação e o desenvolvimento cognitivo e social da pessoa Surda.

2.2 Aquisição/aprendizagem Língua de Sinais

As crianças Surdas, filhas de pais Surdos, podem adquirir a Língua de Sinais de forma natural e espontânea, mas vale ressaltar, que esse ambiente natural só é possível se os pais, forem usuários fluentes da Língua de Sinais, pois o *input* é dependente de um contexto interativo complexo.

A surdez congênita ou pré-linguística como se refere (SKLIAR, 1997) é caracterizada em fase anterior à aquisição da fala, os sujeitos aprendem a Língua de Sinais precocemente, no ambiente familiar rico de interações linguísticas ou nas relações sociais mais próximas, tal como ocorre com a criança ouvinte.

No entanto, crianças Surdas, filhas de pais ouvintes, costumam aprender Libras tardiamente, na fase pós-linguística onde a aquisição não é espontânea: o acesso é precário em casa, o contato com seus pares é limitado. São poucos os profissionais da área de educação capacitados em Libras. No ambiente escolar há carência de profissionais Surdos para identificação, ausência de intérpretes em sala de aula, e a comunidade de Surdos muitas vezes não é atuante.

Segundo Quadros (1997) as estimativas de incidência dessa situação na população de Surdos constituem a maioria. O resultado desta pobreza de estímulo linguístico prejudica o desenvolvimento linguístico, social, a aprendizagem do Surdo, bem como sua formação identitária. Isto ocorre, porque a constatação da surdez e o diagnóstico clínico leva tempo, os pais ouvintes, naturalmente, usam de início a linguagem oral nas interações com o filho e, mesmo depois do diagnóstico, mantendo os recursos da oralidade, por motivos diversos:

dificuldades de aprender os sinais, rejeição à Língua de Sinais, desconhecimento de sua importância ou ainda a falsa esperança que ele vendo e “ouvindo” a Língua Portuguesa ele acabe por aprendê-la mesmo que isto seja utópico. E ainda, orientações equivocadas dos profissionais da área da saúde.

Alguns pais, entretanto, passam a desenvolver caminhos comunicativos que, além da oralidade, abrangem recursos dos gestos caseiros cristalizados dentro do contexto familiar. Outros pais, que se dispõem a aprender Libras, usam o sistema bimodal, combinando a linguagem oral e de itens lexicais da Língua de Sinais, que trazem prejuízos linguísticos quase irreversíveis. Que segundo (SCHERMER, 2003 apud QUADROS; CRUZ, 2011 p.88) não é ideal pois a “opção por um modelo simplificado de Língua de Sinais, interfere no amadurecimento cognitivo das crianças.”

No entanto, se houver uma base linguística suficientemente compartilhada, e um bom nível de competência linguística, isto permitirá uma comunicação ampla e eficaz, livrando o sujeito do confinamento (solidão) e a comportamentos estereotipados aprendidos em situações limitadas.

As pesquisadoras Quadros e Cruz (2011, p. 88) constataam que “estamos diante de muitas crianças surdas com atrasos na exposição à Língua de Sinais,” e prosseguindo adiante afirmam: “aprendizagens devem ser funcionais no mundo social da criança; as situações familiares e escolares devem ser buscadas a fim de potencializar o uso da aprendizagem específica”.

Segundo (CHEMERO, 2009 apud QUADROS e CRUZ, 2011) se o *input* for pobre de significados e ocorrência na família e na escola, é possível que a aquisição seja prejudicada, e consequentemente a fluência em Línguas de Sinais não ocorra plenamente. Validando, assim, as constatações das autoras citadas no parágrafo anterior

Conforme observado por Quadros e Karnopp (2008) há um período crítico para um processo satisfatório para aquisição da língua:

O período crítico pode ser entendido como o “pico” do processo de aquisição da linguagem. Isso não significa que não possa haver aquisição em outros períodos da vida. As evidências para a existência desse período vêm de crianças que, por alguma razão, foram impedidas de acesso à linguagem durante esse período. Essas crianças apresentaram dificuldades (e impossibilidade) de aquisição da linguagem, especialmente, da sintaxe (em nível de estrutura). Também há evidências de crianças surdas filhas de pais ouvintes (SINGLETON; NEWPORT, 1994) que foram expostas à língua de sinais americana depois dos 12 anos. Essas crianças comparadas àquelas expostas desde a mais tenra idade apresentaram dificuldades em relação a alguns tipos de construção. Dados de aquisição de segunda língua também indicam que as crianças expostas à língua estrangeira atingem melhor competência do que pessoas que adquirem línguas depois do período crítico. Adquirir uma língua (nativa ou estrangeira) depende de um processo de aquisição que é natural à criança. (QUADROS; KARNOPP, 2008 p. 79).

As significações de si em termos negativos ou pouco valorizado são, em grande parte, efeito da forma pela qual as práticas sociais no âmbito familiar, da escola e dos setores da saúde ou da promoção social, entre outras, produzem um jogo: de ora aceitação e ora de desvalorização das peculiaridades linguísticas e culturais dos sujeitos Surdos.

Percebe-se que a língua(gem) é o elo entre o sujeito e o seu mundo e a cognição ajuda a estruturar, classificar, organizar estas ideias e a construir a percepção de signo, significante e significados. E é a Libras o meio pelo qual o Surdo se comunica e expressa suas ideias.

Então, elas (língua(gem), cognição) são as ferramentas disponíveis para que o Surdo possa trabalhar e vencer as barreiras que o silêncio e os estereótipos lhes impõem, desmistificando a ideia errônea que inteligente é aquele que articula bem as palavras. Para o Surdo, o imprescindível mesmo é o uso da língua, não necessariamente da língua oral.

2.3 Aquisições/aprendizagens do Português (escrito e para leitura)

Outro assunto inerente às palavras, é o Português, tema polêmico na Comunidade Surda, no meio educacional e social, mudando a roupagem, mas com a mesma essência: a dificuldade do Surdo com a Língua Portuguesa. Ainda mais, na atualidade com a crescente complexidade da sociedade, dos meios de comunicação e mídias sociais, surgem a necessidade do uso constante da leitura, interpretação e escrita desta língua.

O Surdo como participante da sociedade com predominância de ouvintes, torna-se usuário da Língua Portuguesa para escrita e leitura em suas interações comunicativas e expressivas, precisando dela para suas relações socioculturais e para produções textuais. Mas, como se dá o processo de aprendizagem desta língua para os Surdos?

Segundo (GÓES, 1996) destaca que as limitações encontradas pelos Surdos, em relação ao aprendizado do Português escrito, não se dão pela surdez em si; mas, sim, pela falta de uma língua comum entre locutor e interlocutor, pela falta de compreensão da língua materna e por não encontrarem um ensino dinâmico voltado para a segunda língua.

A afirmação de que o Português é uma segunda língua para Surdos, vale dizer que como enfatiza Albres (2012) em sua palestra na Universidade Federal de São Carlos, é como os estrangeiros que estão adquirindo uma segunda língua, cuja estruturação gramatical é diferente de sua língua materna, apresentam dificuldades semelhantes às dos Surdos em relação ao uso de preposições, tempos verbais, sufixação, prefixação, concordância nominal e verbal, ou seja, nos componentes estruturais da segunda língua, que são diferentes de sua língua natural.

O Surdo não é estrangeiro em sua terra, mas os impedimentos biológicos, não permitem associação oral-auditiva, então a aprendizagem da segunda língua, deve seguir a metodologia de aprendizagem de uma língua estrangeira, ressaltando que o estrangeiro não tem a privação auditiva, mas ambos dependem de contextualização e letramento.

Validando a afirmativa da privação auditiva e o sistema fonológico e a insistência da alfabetização focando a fala, a autora Fernandes corrobora:

Esse tipo de encaminhamento metodológico adotado pelos professores alfabetizadores seria um dos principais condicionantes que coloca as crianças surdas em desvantagem em seu processo de aprendizagem da escrita do português. O primeiro contato sistematizado com a escrita não é significativo, já que não há como perceber o mecanismo da relação letra-som. Assim, as crianças surdas começam a copiar o desenho de letras e palavras e simulam a aprendizagem, prática que se perpetua ao longo da vida escolar. (FERNANDES, 2006, p. 7)

O portal do Ministério da Educação e Cultural – MEC (2006) com o intuito de auxiliar o ensino e aprendizagem da língua portuguesa, dispõe de um caderno especial para o ensino do Português para Surdo, dentre as propostas usadas na educação de Surdos estão atividades como: saco das novidades, saco surpresa, mesas diversificadas, vivências leitura e vocabulário, produção de escrita relacionadas com o ensino da língua portuguesa no contexto bilíngue. São ideias apresentadas a partir de jogos e brincadeiras infantis algumas adaptadas e outras criadas respeitando a especificidade das crianças Surdas. Podem ser utilizadas desde o início do processo de aquisição da leitura e escrita, até o final das séries iniciais, em que a criança já está alfabetizada. Com possibilidade de os professores criarem e adaptarem à sua realidade

Mais adiante, na mesma palestra Albres (2012) discorre sobre a necessidade de produção de material didático voltado para o Surdo; ressaltando ainda, que a função comunicativa da língua e não ficar totalmente preso à estruturação gramatical; compreender que o letramento precede a produção! Leitura precede a escrita; apresentar textos adequados à faixa etária; por isso os contos e histórias infantis, histórias em quadrinhos, textos jornalísticos, trechos de livros didáticos, são muito apropriados nas séries iniciais do ensino fundamental.

A palestrante Albres (2012) destaca ainda que [...] “o mais importante é o texto fazer sentido para a criança no contexto da sala de aula e para a sua vida,” pois quando o aluno compreende o texto, ele começa a se torna autônomo na sua produção textual, começa a escrever textos. Finalizando a autora afirma que “escritura é um processo que se constrói por meio do registro das atividades realizadas na própria sala de aula e de experiências vivenciadas pela própria criança”.

Para ajudar na significação é necessário usar uma metodologia que contemple seu canal de comunicação, que é o viso-espacial, partindo do concreto, do conhecido, para ensinar o que ele não consegue imaginar que lhe é desconhecido, como exemplo as expressões idiomáticas: “entrar pelo cano”; “bateu as botas” “tirar água do joelho”.

É considerável que a aprendizagem de (L2) terá sucesso se o domínio da (L1) Língua de Sinais for desenvolvido logo nos primeiros anos de vida. Transportando para o nosso contexto, a criança brasileira terá melhor habilidade em ler e escrever o Português, se ela tiver uma base sólida, primeiro, em Libras, partindo dela para o ensino da (L2) Português escrito.

E ainda que o meio social, linguístico e cultural, em que a criança vive, é essencial para o seu desenvolvimento e aprendizagem.

Pensamento em concordância com Goldfeld:

É pela linguagem que se constitui o pensamento do indivíduo. Ela está presente mesmo nos momentos que este não está se comunicando com outros e se houver um atraso de linguagem a criança tem seu aprendizado escolar e, conseqüentemente, seu desenvolvimento afetado. (GOLDFELD, 1997, p. 71)

A criança Surda não pode adquirir uma linguagem oral-auditiva de forma complexa, mas o sentido da visão permite a aquisição de um tipo específico de língua(gem) a viso-espacial, que é a Língua de Sinais. É possível um canal alternativo, há possibilidades de “escutar” com olhos e “falar” com as mãos.

Assim, a língua(gem) é essencial para o desenvolvimento humano, é o tecido, onde as cores vão se entrelaçando, formando uma peça única e maravilhosa, onde cada cor é um matiz de suas experiências emocionais e intelectuais, ações pessoais e em comunidades, permitindo reinvenção do mundo cultural para além das atividades corriqueiras, oferecendo repostas para muitas perguntas sobre o mundo e o porquê do comportamento humano.

3 REFLEXÕES DOS DADOS OBTIDOS NA PESQUISA

Por meio das entrevistas estruturadas, realizadas em Língua de Sinais e filmadas com sujeitos Surdos e posteriormente transcrito para o Português, dialogamos com graduandos e graduado residentes na região metropolitana de Goiânia, com o objetivo de perscrutar o papel da língua(gem) como promotora do desenvolvimento do sujeito Surdo dando acesso à interação com o meio social.

Doravante os participantes da entrevista serão identificados respectivamente como graduandos e graduado G-1, G-2 e G-3 para serem preservados as suas identidades, lembrando que seus perfis de aquisição/aprendizagem da Línguas de Sinais são: tardia, precoce e bilíngue que se autodenomina usuário da Libras e do Português escrito. Conforme quadro 1:

Quadro 01: Perfil dos colaboradores

Participante	sexo	Escolaridade	Tipo de Surdez	Aquisição/aprendizagem	Faixa Etária	País de origem
G -1	M	Cursando 2 graduações	Congênita	tardia	25 - 29	Brasil
G- 2	F	Cursando 1ª graduação	Congênita	tardia/ bilíngue	30 - 34	Brasil
G- 3	M	Graduado	Congênita	precoce/ bilíngue	25 - 29	Brasil

O curso de Pedagogia Bilíngue me fez questionar: Será que a Libras e o Português escrito oferece o suporte necessário para o Surdo aprender desenvolver e interagir com o meio social? Às metodologias, os conteúdos, relação professores e alunos Surdos, interação com os colegas, leituras e produções textuais, observações das relações sociais nos corredores da instituição, a procura de respostas deu origem a esta pesquisa: A Libras e o Português escrito possibilitam ao Surdo interagir com o meio social, de se constituir como sujeito de língua(gem)? Então dividi meu questionamento em partes menores no afã de compreender a complexidade sociolinguística do Surdo:

Primeiramente, questionei se as relações comunicativas e expressivas do surdo na família, na escola e na sociedade, são satisfatórias para o seu desenvolvimento, obtendo então as seguintes respostas:

G – 1 [...] Até aos 10 anos, eu não estudava, e não usava língua para me comunicar, só gestos caseiros [...]A família precisa ajudar no desenvolvimento, comunicação, na aprendizagem, ajudar aconselhando, interagindo em Libras

G- 2 [...] não me comunicava através de Libras, tinha baixa autoestima, era insuportável. [...] a maioria das famílias não conhecem os Surdos profundamente, como esta família vai ajudá-lo a se desenvolver? Como a família vai aprender Libras se trabalha o dia todo e nem tem contato com a criança? Ela fica sozinha, resultando e tem prejuízo para o seu desenvolvimento.

G - 3 [...] comecei a estudar em uma escola particular, eu sabia Libras, mas eu tinha muitos problemas com a comunicação, eu era o único Surdo, a maioria era ouvinte, nossa era muito difícil, [...] falta estímulo familiar, ensinar, interagir, comunicar, é preciso participar, conhecer, ter experiência cultural, vivência, aí é possível aprender, comunicar mais e melhor, é possível desenvolver e se comunicar de uma maneira mais rápida. [...] ter um filho Surdo na família é uma surpresa! Esta família precisa saber que é possível ele desenvolver, precisa pesquisar, participar de novas, encontros, precisa começar a ensinar, a adquirir a comunicação, a aprender Libras.

Segundo as respostas dos entrevistados, eles dependem destas relações ricas de significados, destas trocas, deste apoio para o seu desenvolvimento. A família é o primeiro apoio, o mais importante e o mais próximo. Mas por fatores diversos, a família tem encontrado barreiras para cumprir sua parceria: dificuldade de aprendizagem da Língua de Sinais, correria do dia-a-dia, desinteresse, pouca escolaridade, dificuldade de se locomover para cursos de Libras, tem se constituído um entrave para o desenvolvimento da língua(gem) no seio familiar, resultando em aquisição aprendizagem tardia da Libras. E consequentemente ancorada na Libras, a aprendizagem do Português para leitura e escrita, também sofre revezes.

Pelas falas do G-1 e G- 2 podemos perceber que é problemático não saber Libras e causa déficit de aprendizagem e um desconforto emocional muito grande, mas também, conforme G-3 que descreve sua primeira escola, ele era o único usuário da Língua de Sinais, então este saber linguístico não compartilhado, constitui entrave para a comunicação, que precisa de um locutor e interlocutor, o que também causa prejuízos.

Por consequência, o déficit da aquisição/aprendizagem da Língua de Sinais na idade crítica, para Quadros e Cruz (2011) resulta em atrasos educacionais e é nítido quando a criança começa a frequentar a escola, trazendo sequelas para a aprendizagem e é aprendizagem que proporciona o desenvolvimento.

Questionados sobre o lugar que lhes foi proporcionado o encontro com a Libras:

G- 1 Eu aprendi Libras e Português na Associação de Surdos [...]

G- 2 Eu aprendi Libras, através do contato na escola, logo me tornei fluente [...]

G- 3 [...] meus pais são Surdos, parece que desde a barriga da minha mãe já sabia Libras [...] meu ensino começou no meu lar.

As respostas de dois entrevistados mostraram que a escola proporcionou esta rica interação, embora um pouco tardia, com exceção do **G- 3** por ser filho de pais Surdos, ele adquiriu a Línguas de Sinais precocemente.

A segunda instituição é a escola, na verdade, ela acaba abarcando o que deveria ter sido suprido no âmbito familiar, passando a ter papel importante para o ensino/aprendizagem da Língua de Sinais.

As relações na sociedade também ficam complicadas pelo fato da Língua de Sinais não ser em comum aos interlocutores.

G – 2 Eu já investiguei várias pessoas e o que percebo é que a maioria tem dificuldade em se comunicar e muitos dos lugares que o Surdo está inserido não há comunicação por falta de Libras e por isso é difícil para o Surdo se relacionar.

G– 3 [...] a sociedade no geral, não consegue se comunicar em Libras conosco, [...] não pensa no Surdo, na necessidade de comunicação com ele, é preciso respeitar o que nós sentimos, parece que não sentimos nada, somos desprezados nos bate-papos dos ouvintes, e isto é um absurdo!

O Surdo não tem culpa, de nascer Surdo. [...] O problema é a família e a sociedade, que precisam se esforçar, romper com as barreiras, aprender e desenvolver [...] a sociedade ouvinte não entende não sabe como aceitar, aprender, ter empatia, [...]

Os participantes são unânimes ao afirmarem: o que falta para uma rica relação entre Surdos e ouvintes, é um interesse genuíno em se comunicar com os Surdos, é a sociedade esforçar e aprender Línguas de Sinais.

O dilema perpetua: a minoria deve se adequar ou a maioria deve acolher de modo adequado? A escola deve se preparar para receber os alunos com necessidades especiais ou o aluno deve se adequar à escola?

O que temos visto na sociedade atualmente, é captado pela Surda Labourit (1994, p. 39) “Estou enjoada de ser prisioneira deste silêncio [...] Esforço-me o tempo todo, eles não muito. Os ouvintes não se esforçam. Queria que se esforçassem”. Este é o clamor e o direito dos Surdos, uma relação recíproca!

Neste caminhar podemos perguntar: quais enfrentamentos o Surdo lida no processo de aquisição/aprendizagem de língua(gem)?

G- 1 [...] Até aos 10 anos, eu não estudava, e não usava língua para me comunicar, só gestos caseiros [...] comigo não tinha comunicação, era impossível estudar profundo, então ela me mandava desenhar. Eu ficava só desenhando. [...] é preciso ensino. [...] eu não tinha contato. Era difícil aprender os sinais, não tinha como estudar as palavras, pesquisar, e eu não tinha o ensino do Português

G-2 [...] a única coisa que falta é os outros aprenderem Libras, só isso!

G-3 [...] o Surdo não tem culpa, porque a escola não tem um ensino adequado, se maioria é ouvinte, se falta intérprete, se o professor não sabe ensinar com uma metodologia Surda.

As respostas confirmam a pesquisa de Quadros; Cruz (2008, 2011) quanto as principais causas das dificuldades na aquisição/aprendizagem da língua(gem): o **input** fraco, contexto interativo linguístico pobre, poucos profissionais Surdos ou ouvintes qualificados.

Outra constatação, é de que o diagnóstico clínico leva tempo, os pais ouvintes, naturalmente, usam de início a linguagem oral nas interações com o filho e, mesmo depois do diagnóstico, mantém os recursos da oralidade, por motivos diversos: dificuldades de aprender os sinais, rejeição à Língua de Sinais, desconhecimento de sua importância, ou ainda, orientações equivocadas dos profissionais da área da saúde, a falsa esperança que ele vendo e “ouvindo” a língua portuguesa ele acabe por aprendê-la mesmo sabendo que isto seja utópico.

E o contato com seus pares, assunto de relevância para Comunidade Surda, também foi enfatizado:

G – 1 [...] ser um modelo de pessoa Surda que a criança pode se relacionar e aprender a amar Libras e a cultura Surda

G-2 [...] O professor bilíngue irá sentir empatia pelo aluno Surdo; quando a criança tem contato com um Surdo adulto fluente, ela é estimulada.

G- 3 [...] no contato com minha mãe Surda, eu sentia, eu captava despertava a minha curiosidade, me identificava com ela, a vida dela com a surdez era igual a minha, [...] e então, eu também podia desenvolver minha própria identidade não flutuante, mas consciente, perfeita, ficou claro, admirável, muito importante.

[...] é bom ter professor Surdo, ele é o modelo, é importante porque o Surdo vê o igual, vê o adulto Surdo e se identifica, se é possível na vida do professor ou do adulto Surdo, e possível na vida dele também, aí ele vai construindo sua identidade, profissionalmente, culturalmente, linguisticamente e socialmente.

Todos os respondentes ressaltam a importância de se ter um modelo Surdo em sua vida. Além da língua, das metodologias e adaptações escolares, a constituição do nosso ser passa pelos modelos que temos. Eles são os referenciais dos quais nos utilizamos para formar nossa própria personalidade, se for falho, certamente trará impossibilidades de uma boa formação identitária.

Outro questionamento é quanto aos prejuízos acarretados se houve um déficit nesse processo de ensino/aprendizagem da (L1) Libras e posteriormente (L2) Português escrito.

G– 1 antes quando não sabia fazer uma tradução profunda. Nem em Português e nem em Libras. Me sentia péssimo! Só fazia cópia. A comunicação era truncada, não tinha acesso visual.

[...] comecei a estudar Libras já no primeiro ano do ensino médio. Foi quando a aprendizagem foi se tornando significativa [...]

No 2º ano do ensino médio [...] Aprendi Libras e Português, com uma metodologia certa, os recursos do professor me ajudaram a desenvolver melhor a aprendizagem. [...]

G – 2 eu comecei a aprender português bem tardiamente, já no ensino médio, mas não escrevia perfeitamente, e até hoje é assim, ainda tem falhas porque comecei a aprender

tarde, a professora só oralizava e eu só copiava as palavras para o meu caderno e memorizava [...]

G-3- [...] acho muito difícil, mas para mim não houve, porque aprendi desde pequeno a Libras e aos 12 anos o Português para escrita e leitura. Mas o português às vezes é meio confuso, porque minha (L 1) é Libras, quando escrevo peço para alguém revisar.

Pelas respostas é nítido o entrelaçamento das duas línguas Libras e Português escrito para o Surdo, ficou claro que sem (L1) Libras não dá para aprender a (L2) Português escrito. Mas também, não adianta ter a (L1) se a metodologia de (L2) não for adequada para leitura e escrita, isto porque o Surdo vive em uma sociedade midiática, onde o uso do Português escrito e a significação das palavras é requerido o tempo todo.

(CHEMERO, 2009 apud QUADROS e CRUZ, 2011) realça que se o *input* for pobre de significados e ocorrência na família e na escola, é possível que a aquisição seja prejudicada, e consequentemente a fluência em Línguas de Sinais não ocorra plenamente, principalmente na sintaxe. (SCHERMER 2003 apud QUADROS e CRUZ, 2011) valida quando diz que “a opção por um modelo simplificado da Língua de Sinais, interfere no amadurecimento cognitivo das crianças.

No relato do G- 1 foi possível corroborar a afirmativa de Schermer (2003) “[...] até aos 10 anos, eu não estudava, e não usava língua para me comunicar, só gestos caseiros [...] na escola [...] comigo não tinha comunicação, era impossível estudar profundo, então ela me mandava desenhar. Eu ficava só desenhando.” Esse retardo no ensino da Língua de Sinais, e Português escrito (que só ocorreu no ensino médio) ficou refletido na sua compreensão quanto às perguntas da entrevista, principalmente aquelas em que era necessário um conhecimento mais profundo do Português e abstração. Isso mostra o quanto a falta da língua no período crítico (QUADROS, 1998) afetou seu desenvolvimento pessoal comunicativo e expressivo.

Para haver mudanças na natureza de suas interações sociais, educacionais e familiares, o Surdo precisa ter uma base sólida, olhando para o ensino/aprendizagem oferecidos no lar, na escola, e no meio social perguntamos:

Às crianças Surdas, são ofertadas as oportunidades de aquisição/aprendizagem da língua, iguais às propiciadas às crianças ouvintes?

G 1 [...] na escola [...] comigo não tinha comunicação, era impossível estudar profundo, então ela me mandava desenhar. [...] comecei a estudar Libras já no primeiro ano do ensino médio. Foi quando a aprendizagem foi se tornando significativa [...]

G-2 [...] a professora só oralizava e eu só copiava as palavras para o meu caderno e memorizava.

G- 3 ficava sempre sozinho, minha mãe e a professora me ajudavam, mas era difícil, então minha mãe percebeu resolveu me tirar de lá e me colocou em uma escola

inclusiva. Lá tinha outros Surdos, intérpretes, melhorou a qualidade da comunicação e ensino a interação com outras pessoas.

Se o ambiente não é propício, se o apoio não é suficiente para a criança Surda, este isolamento linguístico, a falta de estímulo e de uma metodologia adequada, acaba atrapalhando muito a vida escolar dos Surdos o que constamos na realidade relatada pelos entrevistados:

O Surdo G- 3 diz que com sua transferência para uma escola inclusiva, não só o ensino melhorou, como também a sua interação social. Pensamento em concordância com Vygotsky (1988, p. 70) quando afirma que “as funções psicológicas superiores se referem a processos voluntários, ações conscientes, mecanismos intencionais e dependem de processos de aprendizagem e interação do homem com o meio. ”

Há grande incidência na aquisição/aprendizagem tardia Quadros; Cruz (2011) a aquisição não é espontânea, e o contato com seus pares são limitados, são poucos os profissionais da área de educação capacitados em Libras, no ambiente escolar há carência de profissionais Surdos para identificação, há ausência de intérpretes em sala de aula como mediadores entre ensino/aprendizagem e a comunidade de Surdos muitas vezes não é atuante.

É possível inferirmos que a qualidade do ensino/aprendizagem da criança Surda, é muito diferente de uma criança ouvinte, que ouve o ensino, as orientações explicadas, na maioria das vezes na forma oral. A metodologia para o ensino da criança ouvinte é muito rica de livros literários, filmes, vídeos, sites interativos, jogos e outras mídias. No entanto, a realidade é que os artefatos culturais dos Surdos, ainda engatinham.

Outro assunto relevante seria se o Português escrito da maioria dos Surdos lhes daria suporte para autonomia, para ler e compreender o mundo e, exercer a cidadania.

Conforme G 1:

G – 1 – A ler e compreender o mundo dos ouvintes, não! Não há comunicação. Ouvintes e Surdos não são iguais.

Se não há significação, não há aprendizagem, se não há aprendizagem o desenvolvimento fica comprometido, quando optamos pela frase “ler e compreender o mundo” queríamos testar a hipótese de que se o Surdo tem dificuldades com abstrações, o Surdo G -1 com aprendizagem da Língua de Sinais e do Português já no ensino médio, teve dificuldades de entender o significado de “ler e compreender o mundo”:

Então, o que é necessário para o entendimento da abstração é enfatizado pelo entrevistado **G-3**:

G- 3 se oralizarmos ou gesticularmos com os lábios O-C-U-L-O-S o Surdo não vai entender, mas se sinalizarmos (faz sinal de ÓCULOS) ai ele entenderá a significação e ele consegue entender certo, correto, porque é visual.

Conforme citado anteriormente por Albres (2012) a aprendizagem do Português pelo Surdo é parecida com a dos estrangeiros que estão adquirindo uma segunda língua, porém, difere por causa da privação auditiva. Ambos apresentam dificuldades nos componentes estruturais da segunda língua, que são diferentes de sua língua natural. Prosseguindo a entrevistada afirma que: “o mais importante para a criança é o texto fazer sentido no contexto da sala de aula e para sua vida”.

Os entrevistados G-2 e G-3 afirmam que:

G – 2 - [...]sim! A Libras possibilita a autonomia, mas a pessoa tem que se esforçar para aprender Português, ela se torna mais capaz assim como os ouvintes.

Alguns não tem essa autonomia, ficam parados, esperando pelos outros, mas a autonomia envolve um apoio mútuo de direito e dever, e querer buscar este conhecimento da mesma forma que os ouvintes.

G – 3 [...] precisa aproveitar a Libras e desenvolver o Português, igual ao ouvinte, e não só ficar reclamando, achando tudo difícil, focando sempre no problema da surdez, ele deve esquecer. O Surdo precisa entender que ele expressa igual ao ouvinte, as expressões são iguais, mas as modalidades são diferentes.

Dois deles G- 2 e G- 3 enfatizaram o fato do Surdo precisar “se esforçar para aprender o Português, não ficar só reclamando, achando tudo difícil” e oportunamente dão duas dicas muito importante para pais, professores e aos próprios Surdos, que o ensino e a interação sejam por meio da Libras. Este é o caminho e o direito dos Surdos. A outra, é que o Surdo precisa ser autônomo, construir seu conhecimento e não ficar “parados, esperando” que os outros façam por ele.

Não é a dificuldade pessoal em si, que causa o prejuízo no ensino e nas interações do Surdo com o meio social, mas a maneira como a aprendizagem e as oportunidades são oferecidas e como os Surdos e até como seus familiares encaram a surdez. Consequentemente isto influencia na sua concepção de mundo e na sua visão como cidadão autônomo com direitos e deveres.

Diante do exposto podemos perguntar: O fator biológico é um elemento de segregação e exclusão?

G- 1 [...]Algumas escolas em que estudei desprezavam o Surdo. Quando [...] chega um ouvinte que não sabe Libras, fica difícil, não podemos usar Libras porque ele não sabe e nem gesto, porque eles não são profundos e o entendimento não é claro! [...]de uma forma geral, família, sociedade, e bate papos não conseguia me comunicar. Viajar

sozinho também era impossível, porque as pessoas não me entendiam e nem eu entendia elas.

É difícil! Não é natural, se escrevo o Português as pessoas não conseguem entender claramente, não é fácil. [...] havia uma inclusão, mas depois os ouvintes me excluía. G-2 - [...] ocorre entre aqueles que são fluentes em Libras e os outros que não são! Há grande discriminação sim! [...] Há também grupos de Surdos e grupos de ouvintes, há essa separação, eu não concordo [...] o Surdo chega em um ambiente ou palestra e no primeiro dia ser bem recebido no momento da interação, mas com o passar do tempo há um afastamento dele e ele acaba se isolando, fica quieto, já vi acontecer sim! G-3 – Acontece sim! Sabe! O problema não é Libras, mas a falsa inclusão, é que a maioria são ouvintes e oralizam e nos sentimos sozinhos, porque somos minoria linguística da Língua de Sinais.

Mas, se ao contrário, se o ouvinte fosse para o Japão, e o idioma Japonês lhe fosse desconhecido, a conversa lá fluiria naturalmente para seus habitantes, mas para o estrangeiro seria difícil, você se sentiria sozinho? Seria legal? [...] (grifo nosso)

Pelo conteúdo das respostas há três lados para reflexão: o da sociedade que não consegue se comunicar com o Surdo, por não saber Língua de Sinais, agindo ora como se o Surdo fosse invisível, ora ignorando sua vontade de participar, e ora fugindo literalmente, parece que até tem medo do Surdo!

O outro lado, é a segregação, grupos de ouvintes e grupos de Surdos, cada um no seu mundo particular, podemos imaginar, que ricas experiências os Surdos teriam se os dois lados se aproximassem mais, “ouvissem” o que o outro tem a “dizer”, com certeza as barreiras da comunicação já teriam sido superadas.

E por último, julgo ser o mais triste, o que deveria ser acolhido por seus pares é excluído, G-2 [...] “ocorre entre aqueles que são fluentes em Libras e os outros que não são! Há grande discriminação sim!” Porque a fluência ao invés de ser uma forma de um ajudar o outro, toma forma de empoderamento e isto afasta os Surdos e impede a reciprocidade e o fluir da Libras.

Conforme já mencionando anteriormente por Sá (1999) a surdez é uma diferença, isto significa, modos diferentes de aprender, interagir e comunicar, mas não deve ser vista como elemento de segregação, ou exclusão, através da Língua de Sinais, Surdos e ouvintes podem se inter-relacionar.

Quando ocorre a exclusão o sentimento de solidão é inevitável. Pois a língua(gem) o elo entre o indivíduo e o meio social, os efeitos de um desenvolvimento linguísticos insatisfatório, torna difícil o processo comunicativo e expressivo e gera isolamento entre as pessoas. Na função intrapessoal Vygotsky (1988) uma das indagações é:

Será que o Surdo se sente só, em meio à multidão, devido as dificuldades da sociedade em comunicar-se com ele em Libras?

Mudamos [...], mas lá também, não tinha acesso para os Surdos[...] era difícil a aprendizagem, só fazia cópia. A comunicação era truncada, não tinha acesso visual. [...] eu era o único Surdo, e eles não se importavam comigo, então minha mãe me levava para outra, outra e outra escola, e era a mesma coisa.

G- 2 [...]em muitos dos lugares que o Surdo está inserido não há comunicação por falta de Libras e por isso é difícil para o Surdo se relacionar. A maioria dos Surdos, estão sozinhos e não se comunicam nem em família [...]

Eu nunca me senti inferior por ser uma pessoa que usa Libras, eu não ligo! Se a pessoa não sabe, tem muitas outras que posso me comunicar [...] em viagens, passeios e em muitos lugares eu não fico sem me comunicar, se alguém tiver dificuldade de me entender deixo pra lá, procuro outros ambientes [...] isso não me preocupa e não me deixa mal, a única coisa que falta é os outros aprenderem Libras, só isso!!

G - 3- [...] tinha muitos problemas com a comunicação, eu era o único Surdo, [...] ficava sempre sozinho[...] porque somos minoria linguística da Língua de Sinais. [...] a sociedade no geral, não consegue se comunicar em Libras conosco, na escola nossa via de acesso principal é através do intérprete apoio para interação social, trabalho e traduções.

Quando eu os vejo oralizar, (parentes ouvintes) eu fico frustrado por não entender, não participar, é muito ruim! Fico nervoso e saio, ou às vezes eu reclamo, digo que é falta de respeito. Fico triste com a sociedade que não pensa no Surdo, na necessidade de comunicação com ele, preciso respeitar o que nós sentimos, parece que não sentimos nada, somos desprezados nos bate-papos dos ouvintes, e isto é um absurdo!

“Lógico! Já aconteceu comigo muitas vezes” é a resposta do G- 3 e a seguir, ele conta que recentemente, chegou a um local, e havia um grupo de companheiros de trabalho, se sentou e todos oralizavam e ele tentou participar, mas era impossível, porque havia conversação paralelas e simultâneas, todos sorriam, e conversavam animadamente e ele sem graça saiu de “fininho”! Felizmente encontrou um grupo de Surdos e pôde também conversar livremente.

Recortando falas dos entrevistados G-1, G-2 e G-3, a maioria dos Surdos se veem refletidos nelas:

G-1, G-2 e G-3, - [...] Solidão, desprezo, comunicação truncada, não se importavam conosco, há inserção, mas não comunicação, pouco diálogo em família, ficar sempre sozinho, minoria linguística, frustração, nervosismo, reclamações, tristeza, parece que não sentimos nada, fuga, e desprezados nos bate-papos dos ouvintes [...] entre outras situações do cotidiano.

O que fazer então? A participante G -2 que é mais extrovertida fala de sua estratégia para vencer o isolamento e cultivar a autoestima que deve estar presente na vida dos Surdos:

Eu nunca me senti inferior por ser uma pessoa que usa Libras, eu não ligo! Se a pessoa não sabe, tem muitas outras que posso me comunicar [...] em viagens, passeios e em muitos lugares eu não fico sem me comunicar, se alguém tiver dificuldade de me entender deixo para lá, procuro outros ambientes [...] isso não me preocupa e não me deixa mal.

Há lados opostos na questão, Surdos que vencem os estigmas que a sociedade lhes impõe; outros que se sentem inferiorizados por ser minoria; e ainda há aqueles revoltados, que não se doam, que só querem receber e acham que todos devem estar à mercê deles; e os super Surdos que agem como se fossem os únicos autorizados a usarem Línguas de Sinais e não ajudam os ouvintes e nem seus pares em suas dificuldades com a Libras.

Quanto à nossa escolha como pedagogos bilíngues, ao planejarmos sempre nos perguntamos como ensinar? Mas, nossa pergunta deveria ser ampliada como educadores da escola inclusiva:

Como o sujeito com necessidades especiais aprende? No caso específico em questão como o Surdo aprende?

G- 1 [...] era difícil aprender palavras antes, não sabia fazer uma tradução profunda. Nem em português e nem em Libras. A comunicação era truncada, não tinha acesso visual. [...] só no 3º ano do ensino médio é que aprendi Libras e depois o Português, com uma metodologia certa, os recursos de um professor que eu gostei muito que me ajudaram a desenvolver.

[...] procuro ler, escrever e aprender o Português, penso, escrevo, reescrevo o que aprendi, não é fácil, então depois de pronto, entrego para professor, ele corrige o texto, procurando organizar as palavras, às vezes me sinto triste, cansado, porque é muito difícil para mim.

G- 2 –[...] que se ensine a Libras e junto se ensine o Português escrito, para o desenvolvimento e apoio.

G – 3 [...] minha mãe ajudava, a professora me ajudava, mas era difícil, então minha mãe percebeu resolveu me tirar de lá e me transferir para uma escola inclusiva. Lá tinha outros Surdos, intérpretes, melhorou a qualidade da aprendizagem, comunicação e a interação com outras pessoas [...]

Surdo não ouve então ele vê, seu canal sensorial visual das mãos percebe as sinalizações. [...]. Muito importante (pega o óculos para exemplificar) por exemplo se oralizarmos, gesticularmos com os lábios O-C-U-L-O-S o Surdo não vai entender, mas se sinalizarmos (faz sinal de ÓCULOS) ai ele entenderá a significação e ele consegue entender certo, correto, porque é visual.

O ouvinte consegue entender as palavras, a significação, ao contrário, os Surdos não! Na minha opinião é muito importante, primeiro Libras, porque ajuda na significação, e porque ajuda na contextualização, e depois de ficar claro, o Português como L2. [...] mais ou menos 12 anos aprendi a L 2 Português, meus pais sempre me ajudaram, apartir daí sempre aprendi, as duas Línguas juntas a Libras e o Português, minha mãe sempre me mostrava os sinais das coisas ao nosso redor e depois me ensinava a palavra em Português e seu significado.

As experiências de aprendizagem dos Surdos, nos mostra que não é suficiente o encontro de duas línguas Libras e Português escrito (CAPOVILA 2002), é preciso contemplar uma forma diferente de ensino/aprendizagem que articule o concreto, o geral, por categorias e estas subdivididas em subcategorias, chegando no específico, e até na abstração. O canal privilegiado então não é oral-auditivo, mas o viso-espacial e é através dele que o Surdo percebe o mundo, aprende e desenvolve. A metodologia da mãe do G-3 contemplou tais itens:” [...] minha mãe

sempre me mostrava os sinais das coisas ao nosso redor e depois me ensinava a palavra em Português e seu significado. ”

Diante do exposto, podemos nos perguntar como futuros pedagogos:

Como tornar o ensino efetivo para os alunos e neste caso específico, os Surdos?

G 1 - A criança precisa de estímulo, ensino certo. [...]precisa mudar o ensino-aprendizagem, é preciso mais Libras e mais inclusão. [...]. As pessoas precisam aprender Libras. É possível aprender a escrever e é possível a interação entre Surdos e ouvintes.

G – 2 O principal objetivo é que se ensine a Libras e junto se ensine o Português escrito, para o desenvolvimento e apoio.

Precisa haver uma modificação quanto a inserção da Libras para o Surdo, seja em sala de aula ou em casa com a família. Principalmente no processo de ensino aprendizagem, nem que seja uma hora, pois futuramente ele pode precisar desta língua para fazer um curso profissionalizante e arrumar um trabalho.

Não é pensar em fazer apenas Libras, é preciso ampliar, fazer de tudo.

Esta mudança se faz principalmente na escola, em ambientes de cursos, no meio social.

Ele precisa de contato tecnológico, experiências e aquisição de conhecimento.

Mas tem um porém, nem todos conseguem sozinho, ele precisa ser preparado antes para depois conseguir ir atrás

Quando escrevo[...] e alguém vai corrigir para o Português escrito, acho ótimo, porque quero aprender mais e mais a forma correta.

Não gosto quando pegam o meu texto e falam que está bom, sem que se faça uma correção e diz que tá bom, para dizer que eu fiz correto, sem que realmente estejam, me sinto enganada, e não gosto disto! [...]

G- 3 – Quando eu redijo o Português, eu sempre entrego para alguém adaptá-lo às normas do Português, acho normal! Eu já escrevi minha ideia, é só a correção, [...] isto porque a minha L1 é Libras, a L2 Português, mas já aconteceu muito de eu escrever e um corretor me ajudar e eu entender melhor ainda! Igual ouvinte com o Inglês algumas vezes é meio confuso, são necessárias correções para desenvolver a escrita, e isto é normal!

Mas, depende do Surdo, alguns se sentem frustrados, e é necessário respeitá-los.

[...] O Surdo não tem culpa de a escola não ter um ensino adequado, se a maioria é ouvinte, se falta intérprete, se o professor não sabe ensinar com uma metodologia Surda.

Fui transferido para uma escola inclusiva, melhorou muito, tinha intérpretes, outros Surdos, muita comunicação.

Possível conseguir uma boa interação pelo oferecimento das duas línguas e a presença do intérprete! A criança vê porque o professor é bilíngue e tem um ensino visual, e ela irá se identificar e poderá receber ajuda necessária do professor. O professor bilíngue irá sentir empatia pelo aluno Surdo.

Escola Bilíngue muito importante. Para mim é importantíssimo! Porque tive duas experiências bilíngue diferentes, em casa, porque minha mãe me ensinava Libras, e também o Português, aprendi e desenvolvi.

Os universitários entrevistados souberam se posicionar de maneira clara e objetiva, mostrando o que realmente precisam para tornar o ensino/aprendizagem efetivo, começaram pelo estímulo e motivação, segundo grandes educadores estas são as principais características do ensino eficaz, não se pode ensinar, quem não quer aprender; precisa mais Libras; ensino de Português ancorado na Libras; mais professores Surdos para transmissão e modelo da Cultura

Surda; professores bilíngues; conhecimento tecnológico; profissionais capacitados; metodologia adequada à especificidade do Surdo, número suficiente de intérpretes; ensino de Libras para articular as relações sociais; escolas inclusivas, bilíngues e democráticas; suporte para profissionalização; uma avaliação somativa, formativa e verdadeira dentre outros.

Há unanimidade quanto a dificuldade com o Português escrito, mas todos se mostraram abertos para a correção atendendo a normas gramaticais da Língua Portuguesa a G-2 salientou que: Não gosto quando pegam o meu texto e falam que está bom, sem que se faça uma correção e diz que tá bom, para dizer que eu fiz correto, sem que realmente estejam, me sinto enganada, e não gosto disto! [...]

Poderíamos sintetizar que para o Surdo aprender é necessário a parceria: língua acessível mais metodologia correta e mais relações recíprocas entre professores e alunos e não poderíamos deixar de valorizar o apoio dos intérpretes, que na beleza dos sinais feitos por suas mãos, se tornam os “ouvidos” e a “boca” dos Surdos, sem eles o ensino não se concretizaria, sua mediação é o que torna a meta do ensino inclusivo e bilíngue passível de se realizar e não ser utópico.

O esclarecimento de Capovilla (2002) o bilinguismo na educação é promissor, mas há um caminho longo a ser percorrido, ainda não é efetivado como o ideal, carecendo de percepções e concretizações de uma pedagogia surda, além de profissionais educacionais habilitados nas duas línguas.

Enfim, chegamos ao cerne da pesquisa: A Libras e o Português escrito possibilitam ao Surdo interagir com o meio social, de se constituir como sujeito de língua(gem)?

Sim! Mas é necessário levar em consideração que na aquisição/aprendizagem da língua(gem), Berniere, (2010) além dos fatores inatos, também estão envolvidos os maturacionais, e os fatores ambientais, que é o meio exterior no qual a criança é inserida e exposta aos **inputs** (dados externos) partilhados socialmente são também muito relevantes.

A constituição identitária não é um ato individual, Santana e Bergamo (2005), mas é construção de um contexto social e não está necessariamente relacionada à Língua de Sinais, mas sim, presença de um código, de uma língua, não precisamente a língua oral, que lhe dê autonomia de ser falante.

Mas para o Surdo, o imprescindível mesmo é o uso da Língua de Sinais, meio de comunicação para vencer os estereótipos que a sociedade lhes impõe:

G – 3 [...] o Surdo já está pronto para o seu papel de igualdade, mas precisa se esforçar sempre para mostrar que é igual aos ouvintes.

É lógico que existem muitas profissões que ele pode escolher: professor de curso superior, poeta, ator, secretária, cantor, DJ, dançarino. O Surdo precisa aproveitar a Libras para desenvolver Português igual ao ouvinte, e não só ficar reclamando, achando tudo difícil, focando sempre no problema da surdez, ele deve esquecer. O Surdo precisa entender que ele se expressa igual ao ouvinte, as expressões são iguais, mas as modalidades são diferentes.

Neste complexo linguístico o canal alternativo da visão são possibilidades a serem exploradas tanto pela família, escola e meios sociais. Os Surdos “estão prontos”, lutam e veem que é possível ter uma profissão, sentir-se realizado e integrado na sociedade!

A percepção dos traumas revividos nas falas dos entrevistados, a ênfase na subjetividade, abre novos caminhos para a continuidade da pesquisa, enfatizando o papel da língua(gem) para o desenvolvimento psicossocial do sujeito Surdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa permitiu trabalhar com o complexo mundo sociolinguístico do Surdo, com o educacional, o subjetivo, os fatos sociais e seus significados e os conflitos, através de perguntas minuciosamente elaborada e pertinentes para o aprofundamento e verificação da validação do tema proposto, a análise do papel da língua como promotoras do desenvolvimento do sujeito Surdo, dando acesso a interação com o meio social.

De modo particular, contribuiu para conhecer meus pares, saber como é ser Surdo nos vários espaços e tempos. Ver como se comunicam e se expressam aqueles que são fluentes e os outros com fluência parcial. Captar as nuances de se “ouvir” com os olhos e “falar” com as mãos! Entender o mundo da surdez, o que nos separa e o que nos aproxima. Refletir seus perpassos sociais, educacionais e familiares. Somando tudo isto ir me tornando uma pessoa Surda e quando o silêncio enfim chegar, me tornei Surda sem barreiras e nem preconceitos e uma profissional que sabe e entende como é ser Surdo e com ele aprende e com tudo que aprendi usar para efetivar um ensino de qualidade.

Minhas vivências no curso de Pedagogia Bilíngue, tais como: a Libras, o Português escrito, as relações recíprocas, a compreensão do conteúdo, a metodologia, me desafiaram a procurar respostas, e foram o embrião desta pesquisa: A Libras e o Português escrito possibilitam ao Surdo interagir com o meio social, de se constituir como sujeito de língua(gem)? Então, as respostas antes obscuras, foram se tornando claras no caminhar das bases teóricas e com as entrevistas tomaram formas e se tornaram nítidas, respondendo minhas indagações iniciais.

As relações comunicativas e expressivas do surdo na família, na escola e na sociedade não são satisfatórias para o seu desenvolvimento, a aquisição/aprendizagem na maioria das vezes é tardia, o input é pobre, e na escola o complexo linguístico é insatisfatória, falta estímulos e metodologias adequadas. Então, o meio social dos Surdos é relevante, eles dependem destas relações ricas de significados, destas trocas, deste apoio para o seu desenvolvimento. Ser o único usuário da Língua de Sinais, também não adianta, pois este saber linguístico não compartilhado, pouco adiantará para o seu desenvolvimento.

A escola inclusiva e bilíngue proporciona esta rica interação, embora um pouco tardia, na verdade, suprimindo algumas defasagens do âmbito familiar. O que falta para uma rica relação entre Surdos e ouvintes, é um interesse genuíno em se comunicar com os Surdos e a sociedade esforçar-se e aprender Línguas de Sinais.

Os prejuízos acarretados devido déficit no ensino/aprendizagem da (L1) Libras e posteriormente (L2) Português são evidentes porque o entrelaçamento das duas línguas possibilita ao Surdos não só a alfabetização, mas também o letramento e o viver em sintonia com uma sociedade midiática, onde o uso do Português escrito e a significação das palavras é uma demanda constante.

Para haver mudanças na natureza de suas interações, o Surdo precisa ter uma base sólida, olhando para o ensino/aprendizagem oferecidos no lar, na escola, e no meio social das crianças Surdas, constata-se que as ofertas e as oportunidades de aquisição/aprendizagem da língua, não são iguais às oferecidas às crianças ouvintes.

O Português escrito da maioria dos Surdos não dá o suporte necessário que ele necessita para significação, posicionamento, ter autonomia, compreender o mundo que o circunda e exercer a cidadania.

Não podemos negar que a surdez é um elemento de segregação e exclusão. A sociedade não consegue se comunicar com o Surdo, por não saber Língua de Sinais, agindo com indiferença. Há segregação, grupos de ouvintes e grupos de Surdos. E até entre os próprios Surdos, o que deveria ser acolhido por seus pares é excluído. O Surdo acaba se sentindo só, mesmo estando rodeado de pessoas, pela dificuldade da sociedade em comunicar-se com ele em Libras

O ensino só será efetivo para os alunos Surdos, quando nós os educadores nos despertamos para um ensino dinâmico, contextualizado, estimulante, desafiador, com levantamento de problemas propostos e resolvidos pelo próprio aluno, não oferecendo respostas prontas, restando ao Surdo apenas copiá-las ou segui-las.

Sintetizando para o desenvolvimento do Surdo é necessário a parceria: ricas relações sociais, língua acessível, metodologia que contemple a especificidade do Surdo e relações recíprocas entre professores e alunos e intérpretes, pois sem essas relações o ensino não se concretizaria, a meta do ensino inclusivo e bilíngue não seria passível de se realizar.

A Libras dá possibilidade do Surdo ser um “falante”, um mundo de alternativas se abre, possibilitando: interação com o meio, o simbólico, o tempo passado, futuro, e sair do presente, e estabelecer, reconstruir e relacionar conceitos. Porque possui todas as estruturas de uma língua e o Português escrito ancorado na Libras é no momento o mais adequado para leitura e produções textuais.

Pela pesquisa e pela minha vivência em sala de aula bilíngue, é possível validar que a Libras dá possibilidade, mas ainda não é o ideal. A Libras para os Surdos egressos nos cursos superiores já está consolidada, havendo poucas exceções, mas no geral há muitos Surdos com

dificuldades na Língua de Sinais, e o Português para leitura de textos acadêmicos e produções textuais está muito longe do ideal para entendimento e significação.

As relações recíprocas entre professores e alunos Surdos são quase inexistentes, salvos por alguns, que vencem a barreira e se aproximam de nós, gesticulando, reforçando as expressões faciais para que haja entendimento, mas na maioria, são os intérpretes que mediam o ensino/aprendizagem, para alguns somos até invisíveis.

Com os colegas, eles conversam, riem, brincam, fofocam e ficamos tentando entender o que se passa, mas quando perguntamos, ficam nervosos com a Língua de Sinais, na tentativa de compartilhar conosco. Nos corredores da instituição, é raro vermos Surdos e ouvintes no mesmo grupo.

Então, a Libras dá acesso ao meio social, o impedimento é porque a Língua de Sinais não é um código comum, a Libras não é compartilhada entre ouvintes e Surdos. O Português para leitura e escrita da maioria dos Surdos, não atende às exigências gramaticais e o entendimento para significação.

O que é preciso é sintetizado pelo entrevistado G – 3, quando diz que ser Surdo não foi uma opção, uma escolha. Então, conclama a família e à sociedade para “romper com as barreiras, aprender e desenvolver a Libras”, aceitando, aprendendo e desenvolvendo a empatia. Exemplificando o entrevistado faz uma comparação com o dilema do Surdo na sociedade ouvinte, com a dificuldade do estrangeiro com a língua que ele não conhece. Os impasses da comunicação são notáveis e naturalmente o estrangeiro se sentiria deslocado. É isto que o Surdo sente, quando a maioria é ouvinte e não sabe a Língua de Sinais. Sozinho em meio da multidão.

REFERÊNCIAS

ALBRES, N. A. **Ensino de Português para Surdos: O que a linguística aplicada tem a nos ensinar**. Ano 2012 :Disponível em: <https://pt.slideshare.net/alexandrosado/neiva-albres-o-que-tem-a-nos-ensinar>. Acesso 05 de outubro 2018

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei Nº. 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras.

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em: <www.libras.org.br/leilibras.htm>. Acesso: 21/06/2018

BERNIERI, R. S. K. **Psicolinguística**. Universidade Federal de Santa Catarina. UFSC. Centro de Comunicação e Expressão / Centro de Educação /. Curso de Licenciatura em Letras-Libras. Florianópolis. 2010

CAPOVILLA, RAPHAEL, Duarte W. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira. São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. 2008. Volume II: Sinais de M a Z, v. 2, p. 835-1620.

_____, A. G. S., & Capovilla, F. C. (2002). Alfabetização: Método fônico. São Paulo, SP: Fapesp, CNPq. **Publicado em 2002 Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, v.8, n.2, p.127-156**

CERVO, A. L. BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. 6. ed. rev. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. **Estudos culturais, educação e pedagogia**. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 3, p. 36-61, maio/ago. 2003.

FERNANDES, S. Letramentos na educação bilíngüe para surdos. In: Letramento. Referenciais em saúde e educação. São Paulo: Plexos, 2006.

GÓES, M.C.R. **Linguagem, surdez e educação**. Campinas: Autores Associados, 1996.

GOLDFELD, M. **A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista**. São Paulo: Plexus, 1997.

GOLDFELD, M. **A Criança Surda: Linguagem e Cognição numa Perspectiva Socio-interacionista**. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

LABOURIT, E. **O vôo da gaivota**. São Paulo: Best Seller, 1994.

MAHER, T.M. **Sendo índio em português....** In: SIGNORINI, I. (Org.). *Língua(gem) e identidade*. Campinas: Mercado das Letras/FAPESP/FAEP, 2001.

MCLEARY, L. **Sociolinguística. Curso de Licenciatura em Letras-Libras**, 2009 - UFSC.

MASCIA, M. A. A. **Do corpo e linguagem ao corpo-escrita: Mal-estar-entre-línguas e modos de identificação de um surdo**. In: UYENO, E. Y.; CAVALLARI, J. S. e MASCIA, M. A. A. **Mal-estar na inclusão: como (não) se faz**. Campinas: Mercado de Letras, 2014. p. 299-316

MINAYO, M. C. de L. (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 19. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOURA, M.C. **O surdo: caminhos para uma nova identidade**. Rio de Janeiro: Revinter, 2000.

OLIVEIRA, M. K. (1992). **Vygotsky e o processo de formação de conceitos**. La Taille, Yves de.; Oliveira, Marta Khol de.; Dantas, Heloysa. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992. p. 23-34.

PERINI, M. A. Sobre **língua, linguagem e Linguística**: Revista ReVEL uma entrevista com Mário A. Perini. ReVEL. Vol. 8, n. 14, 2010. ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br].

PERLIN, G. **Identidades surdas**. In: SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

_____, Gladis T. T. **Identidades surdas**. In: SKLIAR, C. B. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013. p. 62-66.

QUADROS, R ; CRUZ, C. R. **Língua de sinais - instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: ARTMED, 2011. 159 p.

_____, R. M.; KARNOPP, L. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. ... São Paulo: Contexto, 2008. p.59-79

_____, R. ; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: Estudos lingüísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004. 221p.

_____, R. M. de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SÁ, N.R.L. **A educação dos surdos: a caminho do bilingüismo**. Niterói: EDUFF, 1999.

SACKS, O. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

SANTANA, A. P. **Surdez e Linguagem: aspectos e implicações neolingüísticas**. São Paulo: Editora Plexus, 2007.

SANTANA, A. P. BERGAMO A.; **Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas**; *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, Maio/Ago. 2005 565

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo e Izidoro Beinkstein. São Paulo; Cultrix, 1975

SILVA, T. T. da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu de. **A política e a epistemologia do corpo normalizado**. Revista Espaço, Rio de Janeiro: INES, n. 8, p. 3-15, dez. 1997.

SKLIAR, C. B. (Org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998. 192 p.

_____, C. B. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998
Atualidade da Educação Bilíngüe: interfaces entre pedagogia e lingüística. Porto Alegre: Mediação, 1999.

_____, C. B. **Educação & exclusão: abordagens sócio antropológicas em educação especial**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1997.

VIOTTI, E. **Introdução aos Estudos Linguísticos**. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão / UFSC. Centro de Educação / UFSC. Curso de Licenciatura em Letras-Libras. 2007, p. 10. (USP). Florianópolis. 2007

VYGOTSKY, L. Luria. - **Linguagem, desenvolvimento e' aprendizagem**. SP, Icone, 1988.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1998

APÊNDICE

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS ENTREVISTA COM SURDO (Em Libras com filmagem das perguntas e respostas)

Perfil: universitários Surdos acima de 18 anos – cursos superiores diversos.

Gênero:

Idade:

Curso:

Formação Profissional:

1. Qual meio de comunicação **você usava**, quando começou a frequentar a escola?
2. Quando você viu a Língua de Sinais pela **primeira vez o que sentiu?**
3. **Onde** você **aprendeu** a Língua de Sinais? Você **é fluente** em Libras ou sabe só os sinais mais usados para comunicação?
4. Você considera **difícil a Libras?** Por quê?
5. Para você é **importante aprender** a Língua de Sinais? Por quê?
6. Como a Língua de Sinais **facilita** suas relações familiares, educacionais e sociais?
7. Em sua opinião, o **Surdo que tem contato com adultos Surdo**, desde criança, e que sabe Língua de Sinais tem mais possibilidades **de manifestar sua identidade e defender sua cultura?** Por quê?
8. Em sua opinião, a **participação familiar** para o desenvolvimento linguístico, educacional e social ajuda a diminuir futuras barreiras? Se sim, o que deve ser feito para **despertar** esse familiar nesse processo?
9. A Libras lhe dá **autonomia** para ler, **compreender o mundo e exercer a cidadania** (direitos e deveres)? E gozar da igualdade de oportunidade como os ouvintes?
10. Há quanto **tempo** você **aprendeu** o Português? Mesmo sendo difícil o aprendizado dessa língua, você **acha importante** aprendê-lo na modalidade escrita para leitura de textos sociais, acadêmicos e produção textuais? Por quê?
11. Você se **considera Bilíngue?** Em qual Língua você **consegue de maneira clara, expor** seus pensamentos mais profundos e íntimos?
12. Quais as **vantagens** da Escola Bilíngue para o Surdo?

13. **Como é** a sua comunicação com os **ouvintes**? É mediada pelo intérprete ou você se comunica usando, ao mesmo tempo, a Libras, gestos e oralização? Se, ainda assim, não te compreenderem, o que você faz para conseguir comunicar?
14. Em festas, viagens ou bate-papos no meio social, entre amigos, professores ou familiares, você se sente ou já se sentiu **solitário ou frustrado** por não se **comunicar em Libras**?
15. Quando você escreve um **texto, e ele é revisado**, atendendo as normas gramaticais do Português, você se sente frustrado (a) ou considera que a originalidade dos seus pensamentos não sofreu alterações?
16. Para você a surdez uma **doença** ou uma **diferença**? Por quê?
17. Você acha que a surdez, é um elemento de **segregação**? E de **exclusão**? Explique
18. O aluno Surdo consegue se **incluir ou apenas se integrar** no contexto escolar?
19. Em sua opinião, quais devem ser os **principais objetivos da escolarização** de uma criança Surda?
20. Quais mudanças seriam necessárias para haver uma **inclusão verdadeira**, na família, na escola e na sociedade?